

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Diretor Paulo Moreira /// ano XXXVI /// Março de 2021 /// publicação mensal /// Gratuito

Dar voz aos 'heróis anónimos desta guerra'

02

Por causa da pandemia, o último ano desafiou limites individuais e coletivos. Para assinalar a data, demos voz aos "verdadeiros heróis anónimos desta guerra sem quartel"

Contributo 'duplamente virtuoso'

06

A UMP apresentou, com as outras entidades do setor social, contributos para o PRR

Manter uma UCC aberta é 'exercício de coragem'

32

Para presidente da UMP, cuidados continuados sofrem de duplo subfinanciamento



24

DIA DA MULHER CELEBRAR CONQUISTAS E REAFIRMAR IGUALDADE

Para assinalar o Dia Internacional da Mulher, conversámos com provedoras, que já são 64, e técnicas. Fomos ainda conhecer o dia-a-dia de respostas dedicadas a apoiar mulheres em situação de fragilidade

OPINIÃO
20/21



MANUEL DE LEMOS
Presidente da UMP

'O futuro começa agora, ou melhor, começou ontem'



JOSÉ DA SILVA PENEDA
Presidente da Mesa da Assembleia Geral da UMP

Um congresso nacional para analisar a pós pandemia



MARIANO CABAÇO
União das Misericórdias Portuguesas

Misericórdias: carta de compromisso para todos

07 DONATIVO

Máscaras para apoiar luta contra a Covid

O Lidl doou 130 mil máscaras cirúrgicas à União das Misericórdias Portuguesas para ajudar os utentes em lares e UCC.

10 RENOVAÇÃO

São 33 as Santas Casas com novas lideranças

Por força da pandemia, a sessão de acolhimento da UMP aos 33 novos provedores vai decorrer por videoconferência.

10 CASCAIS

Manter a proximidade e atenuar a solidão

Correio móvel da Misericórdia de Cascais proporciona a troca de presentes entre idosos e ajuda a atenuar a solidão.

17 ALMADA

Apoio psicológico para cuidar de quem cuida

Por causa da pandemia, os psicólogos da Misericórdia de Almada estão a acompanhar os colaboradores da instituição.

Dar voz aos 'verdadeiros heróis desta guerra'

Há um ano as Misericórdias fecharam-se ao exterior. A vacina trouxe esperança, mas a regra é a mesma: proteger, cuidar e resistir

TEXTO **VOZ DAS MISERICÓRDIAS**

Covid-19 A 2 de março de 2020 foram confirmados em Portugal os primeiros dois casos de infeção pelo novo coronavírus. À medida que o vírus se disseminou pelo mundo, milhões de pessoas ficaram em casa, o teletrabalho atingiu níveis inéditos e fecharam-se lojas. As ruas ficaram desertas. Desde então mais de 800 mil portugueses testaram positivo ao SARS-CoV-2 e cerca de 9% da população já recebeu a primeira dose da vacina. Imprevisível e disruptor, o último ano desafiou limites individuais e coletivos, com confinamentos sucessivos, sobrecarga dos sistemas de saúde e rutura da economia.

Depois de fechar portas ao exterior, no início de março, as Misericórdias definiram planos de contingência, formaram colaboradores e implementaram sistemas rotativos para minimizar o risco de transmissão. As equipas abdicaram de horas de descanso para garantir cuidados aos idosos, num momento em que faltava quase tudo: testes, material de proteção e coordenação entre o poder central e as estruturas no terreno.

Resistir foi a resposta possível. Ao mesmo tempo, a sociedade civil unia esforços para ajudar as Misericórdias na aquisição de bens necessários neste período de pandemia.

Entre confinamentos, a reabertura foi cautelosa para não colocar em risco os sacrifícios dos profissionais e a vida dos utentes. As rotinas mantiveram-se condicionadas. O perigo não se alterara. Começam a fazer-se sentir os efeitos do isolamento nos idosos, em casa e nos lares, e da sobrecarga laboral nas equipas, evidenciando-se perdas de mobilidade e declínio cognitivo, nos primeiros, sintomas de ansiedade, depressão e exaustão física, nos segundos.

Na transição para 2021, a vacina traz a esperança de uma "nova normalidade", com a possibilidade de imunizar os grupos mais vulneráveis da população. Os utentes de lares e unidades de cuidados continuados estão no topo da lista de prioridades, exceto quando têm casos ativos de infeção. Mas a meta da imunidade de grupo está longe de alcançar.

Neste compasso de espera, que para muitos parece "interminável", a regra é a mesma de sempre: proteger, cuidar e resistir, reinventando limites e adaptando estratégias em cada instante.

Para assinalar este ano, recolhemos os testemunhos de 13 dos "verdadeiros heróis anónimos desta guerra sem quartel", como disse o presidente da UMP (ver artigo na página 21).

TESTEMUNHOS



Isabel Santos, 45 anos
Trabalhadora de serviços gerais,
Misericórdia de Ovar

'Voltaria a fazer tudo de novo'

Em março de 2020, Isabel Santos votou-se a uma clausura voluntária no lar da Misericórdia de Ovar para proteger os idosos, num momento crítico da pandemia. Recorda então a falta de conhecimento, materiais de proteção e testes, que tanta incerteza e medo disseminou. Nesses dias, em que Ovar esteve limitada por uma cerca sanitária, Isabel e as colegas deixaram tudo para trás sem pensar duas vezes. "Sabíamos que tínhamos de fazer o nosso melhor". E isso significava cuidar sem limites e esbanjar afetos nos intervalos das refeições e higiene. "Procurava que não lhes faltasse carinho e atenção". Reconhece que é impossível esquecer os quinze dias aqui passados em permanência. Mesmo aqueles onde a tristeza foi inevitável devido ao agravamento do

estado de saúde dos idosos. "Eles são um pedacinho de nós, custa vê-los sofrer". Atorroadas pelo cansaço, Isabel e as colegas uniram-se em torno de uma missão que não mais as deslaçou. "Sinto que ficámos mais próximas, bastava um olhar para saber o que a outra estava a sentir". Foi uma lição de fraternidade que mudou a sua vida e hoje é uma pessoa mais paciente, tolerante e resiliente. Um ano depois, não hesitaria em regressar. "Não seria capaz de estar em casa sabendo que precisavam de mim. Voltaria a fazer tudo de novo".



Octávio Rocha, 42 anos
Diretor técnico do lar de idosos,
Misericórdia de Vila Nova
de Foz Côa

Poucos para tanta exigência

O primeiro caso de infeção foi diagnosticado a 25 de março de 2020. Em 24 horas, a equipa de 30 ficou reduzida a 5 pessoas. "Momentos de desespero" inéditos em 17 anos de funções. "Éramos poucos para tantas exigências", recorda. Depois do choque,

CRONOLOGIA ANO 2020

13/03

Depois de aprovadas pelo governo as primeiras medidas de restrição, a UMP recomenda às Misericórdias a criação de um sistema de rotação de trabalhadores para garantir o normal funcionamento dos equipamentos. As visitas aos lares de idosos foram suspensas, assim como as atividades letivas presenciais, centros de atividades ocupacionais, ATL e centros de dia.



22/03

Em pleno estado de emergência (decretado a 18 de março), o presidente da UMP anuncia que a Misericórdia de Macau vai enviar um milhão de máscaras para ajudar as Misericórdias em Portugal, num momento em que muitas Santas Casas vivem problemas de escassez desse material. À data, Manuel de Lemos referiu que "uma caixa com 50 máscaras que, em dezembro, custava 1,20 euros, custa agora à volta de 26 euros."

25/03

Numa audiência por videochamada com o Presidente da República, UMP e CNIS dão conta das dificuldades de tesouraria e dos custos com material de proteção. No final da conversa, Marcelo Rebelo de Sousa afirmou que as instituições do setor social "cobrem todas as gerações, desde as crianças até aos idosos. Isto significa que o grupo mais sensível e menos protegido para esta pandemia é um grupo que precisa muito desta cobertura social".

02/04

No mesmo dia em que o Parlamento aprovou o decreto do Presidente da República que prolongou o estado de emergência até ao final do dia 17 de abril, o movimento SOS Covid19. Portugal iniciou uma campanha de angariação de fundos para adquirir equipamentos de proteção individual (EPI) para as Misericórdias. Empresas e cidadãos apoiaram as Misericórdias com donativos para aquisição e EPI.

a reação foi imediata para garantir a salvaguarda de todos. Pelo meio, muitas noites sem dormir a vigiar idosos enquanto não chegava o reforço de voluntários e colegas de outras respostas sociais. Apesar da “exaustão” prevalecia a vontade de “cuidar de seres humanos”. Não havia tempo para desmotivar. No exterior, a ausência de meios e falta de coordenação geravam ansiedade. “Quando estamos a trabalhar numa situação limite e os apoios não chegam na hora prevista isso causa transtorno”. Na comunidade, o medo e estigma dos infetados grassava. Mas a coragem nunca os abandonou. As adversidades ajudam-nos a reinventar como seres humanos e profissionais. Incitam “o espírito solidário, entreadadagem”. Quase um ano depois, as rotinas fluem com tranquilidade, apesar das limitações de contacto com o exterior. “Não abrimos as portas desde 12 de março de 2020”. E isso impacta o equilíbrio mental e qualidade de vida dos idosos, admite o diretor técnico. Depositam, por isso, grandes expectativas na vacinação e na tão desejada imunidade de grupo. “O risco será cada vez menor, a confiança instalar-se-á na comunidade e poderemos retomar a vida que lhes foi retirada”.



Carlos Freitas, 43 anos
Auxiliar de apoio ao idoso na sala de convívio do lar, Misericórdia de Nordeste

Dias gravados na memória

“Há experiências na vida que não se esquecem” e aqueles nove dias em permanência no lar para cuidar dos infetados, durante o surto que assolou a instituição entre abril e maio de 2020, continuam gravados na memória. No dia em que surgiu o primeiro caso, Carlos Freitas deparou-se com a porta fechada e o aparato montado no exterior. Sabendo que precisavam de recursos humanos, no interior da casa que serve há 11 anos, não desistiu enquanto não conseguiu lá entrar. “Eu era uma gota de água para fazer face a todas as adversidades, mas prontifiquei-me para oferecer a minha boa vontade e o conhecimento que tenho dos utentes”. Do seu lado, encontrou igual semblante e dedicação, um braço amigo, pronto a ajudar. “Olhava para trás e tinha sempre alguém a remar comigo e esses laços perduram para sempre”. Onze meses depois, não hesita em dizer que “faría

tudo igual” mantendo-se fiel à ética profissional de quem cuida por vocação. A equipa continua a reinventar-se para responder a situações inesperadas e colmatar a solidão dos idosos com os meios ao dispor. “O ser humano é de afetos e tiraram-nos tudo. Continuamos com a nossa boa disposição e dom da palavra, mas o sorriso é um instrumento de trabalho que faz falta”. Como profissional, admite falhas, mas tenta fazer melhor todos os dias. “Nunca pensei ter uma profissão que me preenchesse tanto”.



Cláudia Soares, 43 anos
Educadora e diretora técnica da creche e jardim de infância, Misericórdia de Paredes de Coura

Ser educadora sem as crianças

Quando as creches e jardins de infância fecharam pela primeira vez, em março de 2020, todos foram apanhados desprevenidos. Reagir e adaptar funções ao novo contexto foi o plano encetado então por Cláudia Soares e a equipa. “O primeiro desafio foi ser educadora fora do

contexto de sala sem estar com as crianças”. Descobriram “à força” que era possível, munindo-se de determinação e criatividade. Adaptaram os projetos educativos aos recursos disponíveis em casa e criaram grupos de comunicação virtual com os pais para manter os laços sem sobrecarregar a agenda familiar. “O mais importante foi não perder a ligação e esta relação de proximidade apaziguadora”. Entre confinamentos, as crianças regressaram a uma escola que não conheciam: “um espaço com menos brinquedos, menos contacto entre salas e novas regras”. A reaprendizagem foi conjunta, mas permitiu encontrar um equilíbrio entre o acolhimento de sempre e a segurança desejada. Quando tudo se repetiu em janeiro de 2021, o desânimo apoderou-se de todos. “Foi uma angustia muito grande, sentimos saudades da confusão e sorrisos deles, fomos arrancados da nossa rotina e trancados em casa”. À distância de um ecrã, as crianças mandavam corações e denunciavam sinais de desgaste. “Custava saber que não lhes dávamos o suficiente, faltava a partilha de vivências e emoções”. Mas estão finalmente reunidos. Ouvimos as gargalhas do reencontro.



Sofia Valério, 45 anos
Diretora técnica do Centro Social da Trafaria, Misericórdia de Almada

‘É tão pouco o que lhes resta’

“O dia seguinte é sempre tristíssimo para quem fica porque não se ouvem as crianças e os idosos, apenas um silêncio sepulcral”. Este foi o cenário em março de 2020 e voltou a repetir-se em janeiro de 2021, com o encerramento da creche, jardim de infância e centro de dia. O regresso a casa foi encarado com desalento pela maioria dos idosos “que já sabiam o que os esperava”. Por mais que a equipa se reinvente, no apoio prestado ao domicílio, nada substitui a dinâmica que se vive no Centro Social da Trafaria: gargalhadas de crianças, vozes que se atropelam e atividades que mobilizam corpo e mente num envelhecimento saudável. Em casa, apesar das visitas à janela por voluntários da comunidade, Sofia Valério observa “situações de ansiedade e falta de esperança” de quem foi privado de “estar com

quem mais gosta nos últimos anos de vida”. A tudo isto acrescem fragilidades físicas e cognitivas que condicionam a autonomia no dia-a-dia. “É tão pouco o que lhes resta, as pessoas precisam de estar acompanhadas ao longo do dia e de ter uma ligação à realidade”. Para muitos, este confinamento forçado é equivalente a uma “prisão domiciliária por tempo indeterminado”. Não sendo o fim de um ciclo, a reabertura do centro de dia, prevista para 5 de abril, representa pelo menos o início do fim da tormenta. “Vai ser um dia de festa”, antecipa.



Telma Monteiro, 35 anos
Ajudante domiciliária, Misericórdia da Amadora

Energia para recomeçar

Telma Monteiro trabalha na Misericórdia da Amadora há seis anos e não se imagina a fazer outra coisa. Fala dos idosos como se fossem membros da família e transmite à filha o respeito nutrido pelos anciãos que acompanha no dia-a-dia. “Eu amo o que faço, é a

13/04

UMP e CNS divulgaram comunicado conjunto “para tornar pública a preocupação com a grave situação que se vive nos lares de idosos e de deficientes”, na sequência de normas que impõem aos lares a vigilância e tratamento de doentes infetados, sem definir a cobertura necessária de médicos e enfermeiros, nem o fornecimento de equipamentos de proteção individual.

27/04

‘Seria justo que o Estado e a comunicação social relevassem o fantástico papel que vós todos têm desempenhado. Sem vós a situação seria horrível em termos de óbitos e os números estariam nos níveis dos outros países da União Europeia’

Manuel de Lemos
Presidente da UMP
Em carta às Misericórdias



12/05

Em fase de desconfinamento gradual, o presidente da UMP lembra que a reabertura deve ser “cautelosa para não hipotecar todos os sacrifícios” daqueles que “abdicaram da sua vida pessoal e arriscaram a sua saúde e da sua família”. Para apoiar as Misericórdias neste processo, a UMP prepara guião de normas para reabertura segura de visitas nos lares de idosos, lares residenciais e casas de acolhimento residencial especializados.

27/05

Numa audiência com António Costa, que decorreu na residência oficial do primeiro-ministro, a UMP entregou um documento sobre o impacto da pandemia no setor social e solidário, a propósito do plano de estabilidade económico social que à data estava a ser preparado pelo governo. O documento entregue mereceu a concordância da CNIS, União das Mutualidades e Confecoop.



27/06

Num cenário de retoma da normalidade, marcado pela reabertura de creches, estabelecimentos de pré-escolar e ATL e pelo regresso de muitos profissionais aos seus locais de trabalho, as Misericórdias estiveram reunidas em Fátima, para realização da assembleia geral da UMP. Foi aprovado por aclamação um voto de louvor pelos resultados até então conseguidos no âmbito da pandemia de Covid-19.

COVID-19

TESTEMUNHOS

minha família". Reconhece, contudo, que os últimos meses desafiaram os limites da profissão e da sua vida como mãe e mulher. "Sei que saio de casa por um bem maior, eles precisam de mim, mas custou-me muito não ver a minha filha durante um mês". Esta ausência prolongada, entre março e abril de 2020, coincidiu com o início da pandemia, em que as inseguranças superavam as certezas sobre o vírus. Quase um ano depois, as novas rotinas de higienização e troca de materiais de proteção são cumpridas de olhos fechados. Mas nota que os meses de isolamento somam desgaste nos idosos. "Já estão saturados, vejo a tristeza no seu olhar, pedem apenas para conversar, para eles é ouro esses minutos de atenção". Para alguns, a visita das ajudantes domiciliárias é a única que recebem numa semana. São o rosto que mantém a ligação à vida que conhecem. E do outro lado, esse esforço é reconhecido. "O bom deste trabalho é que a maioria das pessoas devolve o carinho que transmitimos. Por isso arranjamos sempre energia para recomeçar tudo de novo. Sabemos que as pessoas ficam melhor com a nossa presença".



Diana Pinho, 35 anos
Diretora técnica do lar de idosos,
Misericórdia de Mora

'O medo não nos pode travar'

Desde o início da pandemia, viveram-se dois momentos de "maior tensão e estado de alerta" em Mora, na sequência de surtos ativos na comunidade. O mais grave aconteceu em agosto, com maior número de casos ativos, mas o mais "desgastante" coincidiu com o momento em que aguardavam a inoculação da segunda dose da vacina. Em ambos os casos, foi possível evitar a entrada do vírus na estrutura residencial. Para Diana Pinho, esta vitória decorre de sacrifícios pessoais e medidas de proteção implementadas dentro e fora de portas. "A nossa batalha foi insistir na formação e permanente sensibilização interna, estávamos constantemente a observar e corrigir medidas de proteção". Entre o medo e a coragem, reconhece que a maior dificuldade foi "gerir o stress e transmitir confiança à equipa", momentos antes de estar concluída a vacinação. "Talvez

por estarmos tão próximos da reta final, vivíamos o drama dos lares vizinhos como se fosse o nosso", justifica. Nesse momento, valeu-lhe a equipa que "não desistiu de cumprir a sua missão". A maioria deles priorizou os utentes acima de tudo o resto e deu provas de que "o medo não nos pode travar". Depois de um ano "infundável", sente que a vacina trouxe a esperança e tranquilidade por que todos ansiavam. "Embora em alerta, já não sentimos aquele peso dramático de outros tempos".



Sara Valadas, 30 anos
Psicóloga, Misericórdia de Portimão

'Quando é que isto termina?'

A preocupação com a saúde mental de utentes e colaboradores não é uma novidade na Misericórdia de Portimão, mas 2020 evidenciou a necessidade de intervenção nesta área. Sara Valadas não se lembra de ter vivido um "período tão exigente" na sua carreira profissional. Entre tudo o que se perdeu, nota que o afastamento dos

familiares, em relação ao processo de recuperação dos utentes, foi o elemento mais desestabilizador no contexto de pandemia. "A maior necessidade dos utentes prende-se com a partilha de afetos, os abraços, beijos e sorrisos que se perderam". Por mais que tentem compensá-los com videochamadas e visitas na varanda, custa não ter resposta para a pergunta "quando é que isto termina?". Por enquanto, não é possível avaliar todos os danos causados, mas a psicóloga estima que o "custo das vidas que pararam seja grande". O plano de cuidados dos utentes mantém-se, mas as atividades de reabilitação e animação em grupo estão condicionadas. A fadiga e a impaciência surgem como reações a estas limitações. Até quando, perguntam. "Temos de ser criativos, mas queríamos ter mais para lhes dar". Adaptação é a chave da sobrevivência neste contexto em que a "incerteza é a única certeza que temos".



Nuno Reis, 42 anos
Provedor, Misericórdia de Barcelos

'Todos foram fundamentais'

"A pandemia colocou-nos à prova como indivíduos e organizações". Afastou-nos das nossas famílias, expôs-nos a riscos de doença e gerou exaustão profissional, sem sobreaviso. Em Barcelos, a Santa Casa resistiu sete meses sem um único caso de infeção "quase milagrosamente e com muito esforço". Até ao dia que surgiu um caso suspeito. E tudo mudou em 24 horas. Menos trinta funcionários ao serviço, por motivo de infeção ou isolamento, e o reforço das medidas de proteção para conter o vírus e prestar os "melhores cuidados". Felizmente, os problemas foram antecipados. Meses antes, a instituição reforçara a equipa com um "excedente de 50 colaboradores, entre auxiliares de serviços gerais, ação médica, geriatria e enfermeiros". Meios esses que foram determinantes para mitigar o surto no último trimestre do ano. No rescaldo deste episódio, surgiu um novo desafio: acolher utentes

com alta clínica, internados nos hospitais públicos por falta de retaguarda familiar. A resposta foi imediata. "Independentemente das dificuldades, quisemos dar um contributo adicional para uma luta que é de todos". O coletivo prevalece no discurso e na ação garantindo que todos assumem o seu papel. "Todos foram fundamentais na resposta assegurada". As perspetivas para 2021 são de uma "esperança cautelosa". Acredita que a vacina representa um "ponto de viragem no controlo da pandemia", mas antevê um "ano difícil".



Maria Gaivão, 63 anos
Diretora do ATL da Galiza,
Misericórdia de Cascais

Voluntariado comprometido

A pandemia constrói e desconstrói todos os dias, exigindo leituras atentas da realidade e reajustes permanentes da intervenção. Mais do que imprevisível, o vírus mudou o nosso paradigma de vida. Destroçou o mundo, que assentava em frágeis alicerces. Para Maria



19/08

Estado e setor social e solidário assinaram os protocolos MAREESS e PARES 3.0 que visam reforçar a capacidade de resposta das instituições sociais, em termos de recursos humanos e equipamentos, respetivamente. Em pleno verão, pela primeira vez, desde o início da pandemia, registou-se um dia sem vítimas mortais por Covid-19 e os centros de dia retomaram, de forma condicionada, a sua atividade.



24/10

Com o país novamente em situação de calamidade, os presidentes da UMP e da CNIS são recebidos pelo Presidente da República, numa audiência conjunta no Palácio de Belém, sobre a situação pandémica em Portugal. Poucos dias depois, passa a ser obrigatório o uso de máscaras em espaços públicos e o governo anuncia confinamento parcial em 121 municípios.

13/11

Governo e setor social e solidário assinaram uma adenda ao Compromisso de Cooperação para o biénio 2019-2020, com a validade de seis meses, no Instituto da Segurança Social, em Lisboa. No âmbito do acordo assinado, as entidades do setor social disponibilizam vagas de internamento nas suas respostas sociais, acolhendo utentes, com alta clínica, que se mantêm nos hospitais públicos por razões sociais.

Gaivão, “não vamos ficar todos bem porque há uma série de variáveis fora do nosso controlo”, mas vamos ficar mais fortalecidos enquanto comunidade. “Nunca na Galiza, em 38 anos, tivemos um período tão ameaçador e desgastante, mas ao mesmo tempo tão frutuoso em dádivas, doações e disponibilidade”. Esta rede que se constrói e aprofunda todos os dias permitiu responder ao aumento de pedidos de ajuda das famílias, na primeira vaga da pandemia, e continua a reorganizar-se em função das necessidades. Em abril de 2020, chegaram a ser 90 voluntários, entre merceiros, motoristas, benfeitores e cozinheiros que confeccionam refeições para os cabazes das famílias. Hoje, as pessoas apoiadas sentem que fazem parte desta rede alargada e devolvem o que receberam. “Aqui não há espaço para vergonha e fragilidades, há espaço para trabalho, autonomia e responsabilidade e isso dá-nos força e coragem para caminhar”. O percurso de Maria Gaivão, ao longo de quase quatro décadas, inscreve-se nesta “comunidade viva” que congrega amigos, parceiros e organizações motivadas. O “voluntariado comprometido e generoso” é uma das maiores riquezas da Galiza e garante que a rede se mantém viva e conectada. “Sem voluntariado não há rede nem apoio”.



Ana Duarte, 40 anos
Diretora técnica do lar de idosos, Misericórdia de Cabrela

O luto faz parte da vida diária

“A gata Francisca não entende o que se passa. Não percebe porque é que já não come à mesma hora. Não entende porque é que os cadeirões estão vazios de colos para se enroskar. Estranha o espaço que tem para vaguear. Não sabe o porquê de tanta porta fechada e o porquê de algumas não voltarem a abrir”. Estas palavras foram escritas numa madrugada de janeiro de 2021, durante o surto que vitimou onze idosos e deixou mazelas (in)visíveis. Nada na sua carreira profissional a preparara para o que viveu nestes dias de “luto e guerra”. “Estávamos preparados para tudo menos para aquilo que aconteceu: a dor e o desespero”. Em poucos dias, a casa ficou sem funcionários para acorrer às necessidades dos utentes. “Não tínhamos pernas para correr aos quartos, as oscilações do estado de saúde eram vertiginosas”. Na segunda semana, as ambulâncias e carros funerários faziam

fila no exterior. “Um cenário desolador”. No interior, apesar do sofrimento, nunca faltaram afetos. “Cada alma que perdemos foi cuidada, abraçada e amada até ao seu último momento. São os avós, tios e bisavós que temos em casa connosco”. No rescaldo do surto, os corredores e salas vazias gritam a ausência dos que partiram. O luto faz parte da vida diária. “Todos os dias falamos nas pessoas que perdemos, era um desrespeito ignorar esta memória”.



José Alberto Rosa, 66 anos
Provedor, Misericórdia de Mértola

‘Nem gostamos de recordar’

José Alberto Rosa não se lembra de ter vivido uma “situação tão grave” em 25 anos ao leme da instituição. “Foi aflitivo, nem gostamos de recordar porque nos incomoda ainda, foram momentos muito complicados, com pressões de todo o lado e incompreensões da saúde”. Os primeiros casos de infeção foram conhecidos a 19 de dezembro e em poucos dias ficaram sem

funcionários para garantir os turnos. “Era angustiante conhecer os resultados e ver os números a aumentar de forma galopante”. O pico do surto coincidiu com o Natal e Ano Novo. “Estávamos na expectativa da vacinação nos lares e sentimos que morreremos na praia”. Desses dias de tormenta, recorda a imprevisibilidade da doença, com o agravamento repentino de sintomas. “A doença é implacável e deixa marcas mesmo que a pessoa sobreviva”. Apesar da exaustão, a dedicação das funcionárias excedeu todas as expectativas. A entajuda e solidariedade estendeu-se às famílias e comunidade, que “surpreendeu pela positiva”. O mesmo não se pode dizer da comunicação social, que ao menor sinal de fraqueza cercou a instituição. “Caíram-nos em cima, só queriam saber dos números, sangue e vítimas”. Nos próximos meses, a preocupação é equilibrar as contas, depois de um prejuízo de 50 mil euros em medidas de proteção, e retomar a normalidade de forma “lenta e progressiva”.



Ana Luísa Carvalho, 45 anos
Diretora técnica do Lar Leonor Beleza, Misericórdia de Santo Tirso

‘As pessoas têm direito a chorar’

No final de março, a unidade de grandes dependentes deixou de ser a casa aberta e repleta de vida que todos conheciam. A gata “Beleza”, mascote do lar, andava desorientada e vigilante, presentindo o perigo iminente. “Nada do que fazíamos parecia travar o vírus, os sintomas apareciam ou agravavam do nada. Ninguém consegue imaginar o que vivemos”. Apesar da angústia sentida, a preocupação da diretora técnica foi “gerir a preocupação dos familiares, motivar a equipa esgotada e transmitir serenidade aos utentes”. Para conter a disseminação do vírus, foi determinante a contribuição de todos. “Todos fizeram de tudo, todos foram líderes, todos se ouviam e sugeriam melhorias, não havia ninguém mais importante”. Hoje não têm casos de infeção, mas mantêm-se firmes e rigorosos na prevenção. “De maneira nenhuma, o lar voltou a ser

o que era”. Um ano depois, as equipas continuam em circuito fechado, sem se cruzar nos corredores, e reinventam limites, apesar dos sinais de alerta: “cansaço físico extremo, dificuldades de memória, concentração, instabilidade emocional”. Ser resiliente não significa que não podem chorar. Pelo contrário. “As pessoas sabem que têm direito a chorar, não é sinal de fraqueza, é sinal de força e de recuperação. Foram soldados e batalharam e não são menos fortes por reconhecerem que precisam de ajuda”.

CRONOLOGIA ANO 2021

11/12

Na assembleia geral da UMP, a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social reconhece o “papel extraordinário” que as instituições do setor social “têm desempenhado nos territórios, na resposta a quem precisa, onde e quando precisa” e anuncia a revisão do pacto de cooperação e o prolongamento do pagamento das participações sociais independentemente da frequência até junho de 2021.

04/01

Começou no concelho de Mação, na Misericórdia de Cardigos, a vacinação nos lares de idosos do continente. Dois dias depois, em Mora, começaram a ser vacinados utentes e profissionais das unidades de cuidados continuados integrados. A primeira fase de vacinação decorreu nos 25 concelhos do país com risco extremo de covid-19, num total de 150 estruturas.

19/01

Ainda em estado de emergência e com o país a registar valores recorde de infeções e óbitos por Covid-19, os idosos em lares aderiram, pela primeira vez na história da democracia, ao voto antecipado por se encontrarem em isolamento profilático ou confinados há meses. Beneficiaram desta modalidade cerca de 13 mil pessoas, entre os quais 4 mil idosos em lar. Marcelo Rebelo de Sousa foi reeleito.

20/01

‘Este legítimo e justificado cansaço não nos deve fazer baixar a guarda, logo agora que estamos tão perto de poder respirar e seguir reforçados com toda a aprendizagem desta verdadeira luta pela vida de tantos’

Manuel Caldas de Almeida
Vice-presidente da UMP
No documento enviado às Misericórdias com recomendações para reforço da vigilância e medidas de segurança em vigor

28/01

Após reunião com os responsáveis das entidades do setor social e solidário, para avaliar a execução do plano de vacinação nos lares, o primeiro-ministro António Costa revela que mais de 168 mil pessoas (entre utentes e trabalhadores) já estão vacinadas. No mesmo dia foram suspensas as atividades presenciais nos centros de atividades ocupacionais.

04/02

O presidente da UMP alerta para as fragilidades do apoio aos idosos em Portugal, evidenciadas pela pandemia, e considera que refletir sobre o envelhecimento é um “dever de todos, um desígnio nacional”, durante uma audição da comissão parlamentar para o acompanhamento da aplicação das medidas de resposta à Covid-19 e do processo de recuperação económica e social.

Contributo 'duplamente virtuoso'

PRR A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) entregou, no início de março, os seus contributos para o Plano de Recuperação e Resiliência que esteve em consulta pública. O documento entregue ao governo foi elaborado em parceria com as restantes entidades da economia social e solidária - Confederação das Instituições de Solidariedade Social (CNIS), Confederação Cooperativa Portuguesa (Confcoop) e União das Mutualidades Portuguesas - e elenca áreas determinantes para o setor.

Segundo o presidente da UMP, uma das propostas que consta do documento em causa é a "necessidade urgente" das entidades do setor social e solidário acederem aos três blocos de financiamento (Resiliência, Transição Climática e Transição Digital). Estas entidades, pela sua atuação multidisciplinar em diferentes áreas como saúde, ação social, educação, formação, habitação e cultura, entre outros, são parceiros fundamentais para as reformas que urge emprender e, por isso, devem ter possibilidade de acesso aos três blocos.

Desde que o PRR foi apresentado pela primeira vez "já percorremos um longo caminho", disse Manuel de Lemos, recordando que o documento inicial, apresentado por António Costa e Silva, dedicava apenas três linhas ao setor social e solidário. "Ainda há muito por fazer, mas é certo que o nosso contributo para a recuperação do país é duplamente virtuoso" porque "os nossos investimentos servem para criar emprego sustentável, lutar contra a desertificação e melhorar a dignidade dos nossos idosos, deficientes e crianças". Ou seja, além de dinamizar a economia nacional, também contribui para melhorar a qualidade de vida dos portugueses.

Depois de um intenso processo para a elaboração do documento entregue ao governo, os contributos estão também a ser alvo de debate com as Misericórdias, nas sessões por videoconferência que estão a decorrer ao longo do mês de março (ver página 10).

O PRR esteve em consulta pública até ao dia 4 de março e visa preparar Portugal para enfrentar as principais vulnerabilidades sociais, aumentar o potencial produtivo e reforçar a competitividade e a coesão territoriais. **VM**

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Arte Contemporânea Mais duas obras em telas artísticas

A União das Misericórdias Portuguesas e a Cooperativa Árvore vão dar continuidade à promoção de produção de telas artísticas através do projeto "Arte Contemporânea". Na quinta edição desta iniciativa vão ser interpretadas, pelos artistas que fazem parte da Cooperativa Árvore, as obras de misericórdia corporal 'dar de beber a quem tem sede' e a espiritual que nos incita a 'dar bons conselhos'. Esta parceria teve início em 2015 com a produção de telas com a temática de Nossa Senhora das Misericórdias.



Alvaiázere Dia de sol e novas flores no jardim

Um grupo de utentes da Santa Casa da Misericórdia de Alvaiázere aproveitou um dia solarengo de março para embelezar os canteiros do jardim da instituição. Ao longo de algumas horas os idosos colocaram as mãos na terra e nas sementes para plantarem Zinnias, pequenas flores de várias cores. A tarde foi, segundo nota da instituição, "produtiva e alegre" com direito a "divertidas fotografias" e convívio ao ar livre "aproveitando o dia bonito de sol", tendo havido ainda tempo para apanharem ramos de margaridas amarelas.

Lembrar que são amados e não estão esquecidos

Para marcar o Dia do Pai, a Santa Casa da Misericórdia de Vouzela desafiou os filhos dos idosos do lar a enviarem cartas

TEXTO **ISABEL MARQUES NOGUEIRA**

Vouzela "Feliz Dia do Pai!" terá sido a expressão mais usada e a que fez parte das cerca de duas dezenas de cartas que chegaram à caixa de correio especial montada na habitual sala de visitas e que, atualmente, não recebe ninguém.

Este marco do correio esteve uns dias ao serviço da correspondência especial que foi enviada pelos filhos dos utentes do Lar da Santa Casa da Misericórdia de Vouzela, que acolhe 58 utentes, 15 dos quais homens e, destes, nove têm filhos.

"Há utentes que não são pais, mas a instituição decidiu fazer um postal com uma mensagem a estes homens que de alguma forma foram pais de alguém ao longo da vida. Certamente, todos eles contribuíram para o crescimento de alguém", defendeu a diretora técnica, Vera Milheiro.

Apesar da expressão generalizada de "feliz Dia do Pai" e da correspondência ser aberta num momento de convívio dos utentes, as cartas foram todas elas personalizadas e lidas individualmente por cada um dos pais ou com a ajuda de uma colaboradora do lar.

"Quando começamos a ler, individualmente, as cartas, porque alguns já têm algumas dificuldades, ficaram muito emotivos porque perceberam que não se tratava de uma carta para todos os pais, mas sim uma carta perso-

nalizada e que vinha dirigida a eles, dos seus filhos", lembrou Vera Milheiro.

Os homens que não têm filhos e que receberam igualmente um postal personalizado, "perceberam que não foi um filho a entregar, mas entenderam que receberam uma mensagem de carinho e de reconhecimento por, de certa forma, terem sido importantes na vida de alguém" e essas missivas saíram da própria instituição, que personalizou postais com mensagens para lhes serem entregues.

"O importante é proporcionar um bem-estar emocional, é fazer sentir que são amados, que não são esquecidos, porque efetivamente nós, neste momento, somos a sua família, mas têm uma família lá fora que também não os esquece e que deseja abraçá-los assim que possível, porque por mais que falem com eles, também sentem a ausência do toque, do carinho, que é tão importante", reconheceu Vera Milheiro.

E foram estas emoções, provocadas pelas cartas, que estiveram na origem da ideia para "dar conforto emocional que faz tanta falta nestes tempos de pandemia" e para que "saibam que apesar de não receberem as visitas dos filhos, porque não podem, não estão esquecidos e são muito amados".

O desafio foi lançado com mais de um mês de antecedência aos filhos, que "abraçaram a ideia de imediato" porque como há alguns que vivem no estrangeiro precisavam de tempo para não escreverem sob pressão e enviarem as suas missivas.

"Foi uma forma de sentirem aqui alguma proximidade, que os familiares, neste caso os filhos, não se esquecem deles e de perceberem que eles sentem tanto a falta do abraço e do mimo como os pais", considerou a diretora.

"Ficaram extremamente emocionados. Correu muito bem", destacou Vera Milheiro que disse que este Dia do Pai "terá sido dos mais emotivos no lar".

Como o primeiro confinamento, em março de 2020, aconteceu praticamente na altura do Dia do Pai, não foi nada organizado para festejar o dia, "receberam umas pequenas lembranças, um mimo para diferenciar o dia" 19 de março dos restantes.

Mas, na altura do Dia da Mãe, o primeiro domingo de maio, já organizaram uma surpresa, tanto às utentes como às colaboradoras do lar que estavam a trabalhar naquele dia e que ficaram "muito sensibilizadas e felizes com os vídeos que os filhos e filhas enviaram".

Uma iniciativa que não evitou a surpresa neste Dia do Pai e que Vera Milheiro também acredita que não estragará a surpresa que poderá chegar no primeiro domingo de maio deste ano porque, "dependendo da situação pandémica que se estará a viver na altura, alguma coisa será pensada e organizada" para assinalar o Dia da Mãe. **VM**

'Neste momento, somos a sua família, mas têm uma família lá fora que não os esquece e que deseja abraçá-los assim que possível'

Máscaras para apoiar luta contra a Covid

Donativo O Lidl doou 130 mil máscaras cirúrgicas à União das Misericórdias Portuguesas (UMP) para ajudar os utentes em lares e em unidades de cuidados continuados, de norte a sul do País, na proteção contra a Covid-19.

Para Humberto Carneiro, responsável da UMP pela coordenação de equipamentos de proteção individual, “todas as ajudas são bem-vindas para continuar a trabalhar com a máxima segurança e com esta doação será possível reforçar, junto de utentes e profissionais, as medidas de proteção contra a Covid-19”.

Segundo comunicado da cadeia de supermercados, esta iniciativa tem “como objetivo suprimir as necessidades muito prementes de equipamentos para a prestação de cuidados a estes utentes, as máscaras vão garantir a segurança de todos, enfrentando os desafios decorrentes da pandemia”.

O donativo, continua o comunicado enviado, complementa a contribuição do Lidl no apoio aos idosos através da segunda edição do Mais Ajuda. De acordo com Vanessa Romeu, diretora de comunicação corporativa do Lidl Portugal, “ajudar a comunidade – e especialmente esta faixa muito fragilizada da população, que bastante tem sofrido com a atual pandemia – é algo que temos procurado fazer de diversas formas: esta doação é mais uma etapa que se insere num âmbito maior, o qual endereçamos igualmente pela via na inovação social – com o projeto Mais Ajuda – buscando novas soluções para problemas existentes, que contribuam para em envelhecimento digno e feliz dos nossos idosos.”

O Lidl junta-se desta forma a um conjunto de cidadãos e empresas – Misericórdia de Macau, Rolex, movimento SOS.Covid19.Portugal, Sporting Clube de Portugal, Águas Luso, Galp, Beiersdorf Portugal, editora Self, associações de tauromaquia, startups, institutos politécnicos, universidades etc – cujos donativos ajudam as Misericórdias a minimizar o impacto da Covid-19 nos seus equipamentos. 

Pampilhosa da Serra Radio sénior vence prémio ‘Mais Ajuda’

O projeto ‘Rádio Sénior, da Misericórdia de Pampilhosa da Serra, foi um dos vencedores da 2ª edição do programa ‘Mais Ajuda’, um programa de inovação social do Lidl que visa promover o envelhecimento digno e feliz dos idosos, com a parceria da Beta-i e das rádios Renascença, RFM e Mega Hits. A verba permitirá alavancar o projeto que dá voz aos idosos da instituição e potencia o diálogo com a comunidade.



Penalva do Castelo Manter as tradições da Páscoa

Apesar do confinamento, na Misericórdia de Penalva do Castelo a tradição ainda é o que era e, por isso, durante uma semana os idosos e colaboradores da instituição dedicaram-se às tradições pascoais com a confeção de bolos de azeite, bolos doces e biscoitos. Para além disso, os idosos usaram ramos de oliveira, louro, alecrim e algumas rosas para elaboraram os ramos de Páscoa, que tradicionalmente se benzem e oferecem aos padrinhos no Domingo de Ramos (domingo que antecede a Páscoa e simboliza a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém).

Angra do Heroísmo Contrato de empreitada assinado

A Misericórdia de Angra do Heroísmo vai reconstruir a Igreja das Concepcionistas, antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição, que é contígua ao espaço onde atualmente funciona a sede e lar de idosos da instituição. Também a sacristia e todo o espaço exterior envolvente vão ser alvo de intervenção. O contrato de empreitada foi assinado a 25 de março e prevê-se que a execução tenha a duração de 540 dias.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS

14

O Presidente da República decretou a renovação do estado de emergência até 15 de abril. Este foi o 14.º diploma do estado de emergência que Marcelo Rebelo de Sousa submeteu para autorização do parlamento no atual contexto de pandemia de Covid-19

65

São 65 as Misericórdias que atualmente têm lideranças femininas. Bragança é o único distrito do país sem registo de provedoras (ver mapa na página 25)

2

O jornalista do VM em Coimbra, Vitalino José Santos, foi distinguido com duas bolsas para desenvolvimento de trabalhos jornalísticos

EDITORIAL



PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

Ninguém pode virar as costas

Passado um ano sobre o início da pandemia e sabendo, com os dados de que dispomos, que este combate vai ser demorado e exigente, é altura de fazermos a avaliação possível do impacto que teve na vida de cada um e de todos nós. Alterámos profunda e abruptamente o nosso quotidiano e, à medida que o tempo foi passando, foram-se revelando inúmeras fragilidades no modelo social que construímos, tornando-se evidente a necessidade de se encontrarem novas respostas.

Ainda não temos uma avaliação rigorosa da dimensão dos efeitos da pandemia sobre o tecido social, mas os dados disponíveis revelam um conjunto de indicadores que são preocupantes e nos obrigam no imediato a dar resposta às situações de grande precariedade e dificuldade com que nos confrontamos diariamente.

Sabemos bem as dificuldades que as Misericórdias têm sentido para responder às inúmeras solicitações que lhes são colocadas. Confrontam-se com situações novas, com escassez de recursos humanos, com o aumento generalizado dos custos de funcionamento e só a notável dedicação dos dirigentes e dos trabalhadores tem permitido, vencendo diariamente desafios e constrangimentos de toda a espécie, dar a resposta possível, contribuindo assim para amenizar as carências e dificuldades com que muitos se debatem. É justo e devido o reconhecimento a estes heróis anónimos que, sem olhar a sacrifícios, dão o seu melhor em prol dos outros, honrando e fortalecendo o espírito que há mais de 500 anos anima as Santas Casas.

Mas precisamos, ao mesmo tempo, de fazer uma reflexão profunda e alargada sobre as soluções que queremos e temos que construir para responder aos desafios e problemas que a pandemia pôs a nu de forma muito evidente e por vezes cruel. Ninguém pode virar as costas a este desafio que, pela sua dimensão e complexidade, exige o empenho e a disponibilidade de todos.

É fundamental rever o pacto de cooperação com o Estado, zelar pela saúde financeira das instituições e valorizar técnica e financeiramente os seus trabalhadores. Será um primeiro e muito importante passo de um longo e exigente caminho. 



Há mais de **235 anos**
a criar jogos com fins sociais.

Séculos de boas causas.

Em 1783, a Rainha D. Maria I concedeu a exploração da primeira lotaria nacional à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Hoje, o Estado Português continua a confiar a exploração dos jogos sociais à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a sua oferta continua a ser sinónimo de responsabilidade, segurança e entretenimento. Devolvendo as suas receitas integralmente à sociedade, os Jogos Santa Casa continuam a ser um dos pilares das políticas sociais do país.

www.scml.pt

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

 **JOGOS**
SANTACASA

FRASES



Só podemos descansar quando todas as raparigas e rapazes possam ser o que desejam

Mariana Vieira da Silva
Ministra de Estado e da Presidência
Numa entrevista à SIC Notícias



Esta rutura com as normas tradicionais, se perdurar, tem potencial para permitir às mulheres realizar as suas ambições em outras esferas – no trabalho ou na comunidade

Christine Lagarde
Presidente do Banco Central Europeu
Num artigo a propósito do Dia Internacional da Mulher



Igualdade entre mulheres e homens é condição para uma Europa Social

Rosa Monteiro
secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade
Durante o webinar "Os impactos socioeconómicos da Covid-19 – A igualdade de género no centro da recuperação", promovido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

FOTO DO MÊS

Por Misericórdia de Barcelos



BARCELOS JOGADORES DE FUTEBOL VISITARAM IDOSOS

Um grupo de jogadores do Gil Vicente Futebol Clube visitou, a 3 de março, o Lar Santo André, da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos. O objetivo da visita, segundo o jogador Rodrigo Prado, foi "passar força" aos idosos "nestes tempos difíceis" de pandemia. Eugénia Leite, de 84 anos, foi uma das utentes que mais se emocionou, uma vez que o irmão foi jogador do Gil Vicente. "Antigamente, parecia mal uma mulher conversar sobre futebol, então assistir nem se fala. Felizmente, as coisas mudaram", contou. Esta e outras recordações de utentes compõem o caderno Memórias Gilistas, entregue aos jogadores durante a visita.

O CASO

Duas bolsas para jornalista do VM

Distinção O jornalista Vitalino José Santos foi um dos cinco vencedores das Bolsas de Jornalismo em Saúde 2020, uma iniciativa do Sindicato dos Jornalistas (SJ) e um dos 10 vencedores das Bolsas de Investigação Jornalística, da Fundação Calouste Gulbenkian. Vitalino José Santos integra a rede de jornalistas do Voz das Misericórdias (VM), sendo responsável pela cobertura noticiosa do distrito de Coimbra.

O projeto "A medicina personalizada em hemato-oncologia", distinguido pelo SJ, vai, segundo Vitalino José Santos, dar lugar a uma reportagem que visa abordar o impacto das novas terapêuticas no mieloma múltiplo. O trabalho jornalístico vai ser desenvolvido e publicado ao longo do ano de 2021 no jornal sinalAberto, cuja redação também integra.

A participação do doente na decisão e escolha do tratamento, o elevado custo das medicações, eventuais desigualdades no acesso

aos benefícios das novas terapêuticas, a nova forma de olhar para o corpo humano e para a pessoa doente e as prioridades no campo da investigação atual fundamentadas nas novas terapêuticas, na genética dos tumores e na especificidade dos medicamentos são alguns dos aspetos que o jornalista prevê abordar na sua reportagem.

Quanto à bolsa de investigação financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian ainda não foi divulgado qual o tema do trabalho a ser desenvolvido por Vitalino José Santos. Sabe-se, no entanto, que tem de estar relacionado com Portugal e os portugueses e que pode incidir em áreas como a política, economia, questões sociais, culturais ou históricas.

Os outros bolseiros desta terceira edição das Bolsas de Investigação Jornalística da Fundação Calouste Gulbenkian são os jornalistas José Manuel Barata Feyo, José Vêgar, Inês Serra Lopes, Maria Inês Rocha, Micael Pereira, Pedro

O jornalista Vitalino José Santos foi recentemente distinguido com duas bolsas para desenvolvimento de trabalhos jornalísticos

Coelho, Raquel Albuquerque, Ruben Martins e Rui da Rocha Ferreira.

Em declarações ao VM, Vitalino José Santos disse estar "grato e muito satisfeito por ter sido escolhido". Trata-se de "reconhecimento prévio de um trabalho que ainda há de vir, um voto de confiança no meu trabalho".

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Reunir com as Santas Casas por via digital

UMP O Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) inaugurou, no mês de março, uma nova forma de diálogo com as Misericórdias. Através da plataforma Zoom, têm vindo a decorrer videoconferências com os Secretariados Regionais e a URMA. As duas primeiras reuniões neste formato decorreram no passado dia 02 de março com as Misericórdias dos distritos de Aveiro e Viseu.

As reuniões contam com a participação do presidente da UMP, Manuel de Lemos, para quem “esses encontros por via das tecnologias representam uma solução de proximidade para que a União possa auscultar as Misericórdias, os seus anseios e dificuldades reais”.

“Com alguma regularidade, o Secretariado Nacional participava em reuniões distritais, mas por causa da pandemia, todos esses encontros tiveram de ser cancelados. Nesta fase, em que ainda estamos em confinamento, as videoconferências facilitam o diálogo entre a UMP e as Misericórdias”. Para Manuel de Lemos, trata-se da solução possível, mas “nada substitui os encontros presenciais, especialmente em casas como as nossas, onde os afetos têm importância acrescida”.

Além de Manuel de Lemos, as reuniões têm contado com a participação de outros elementos do Secretariado Nacional, nomeadamente o vice-presidente, Manuel Caldas de Almeida, o tesoureiro, José Rabaça, os vogais Humberto Carneiro e Patrícia Seromenho e também o chefe de gabinete do presidente da União, Aurelino Ramalho.

Com duração média de duas horas, os encontros servem para abordar os temas que mais preocupam as Misericórdias. À data desta notícia já se tinham realizado as reuniões com as Santas Casas de Beja, Braga, Bragança, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real. Prevê-se que as restantes reuniões (Açores, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Madeira, Portalegre, Porto e Santarém) tenham lugar ainda durante o mês de março. 📞

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Vila do Bispo Loja social ajuda mais necessitados

A Misericórdia de Vila do Bispo abriu as portas da sua loja social, no dia 17 de março, para entregar roupa de criança e adulto, sapatos, utensílios diversos, mobiliários e brinquedos aos mais necessitados. Segundo nota da instituição, todos os artigos da loja são doados pela comunidade e a distribuição é feita de forma gratuita. Devido às restrições impostas pela Direção Geral da Saúde, foi necessário marcar hora para poder entrar nesta resposta social da Santa Casa.



Odemira Alegria por uma visita inesperada

Foi numa manhã de sol que os utentes do lar de idosos da Santa Casa da Misericórdia de Odemira foram surpreendidos com a visita da pequena Minie, uma cadelinha que vive perto da instituição. Segundo publicação da instituição nas redes sociais, viveram-se “momentos mágicos” com a visita da cadelinha. Nas fotografias divulgadas é possível ver a alegria dos idosos que não dispensaram pegar a pequena Minie ao colo e dar-lhe muitas festinhas.



Manter a proximidade e atenuar a solidão

Correio móvel da Misericórdia de Cascais proporciona a troca de presentes entre os idosos e ajuda a atenuar a solidão

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Cascais Desde janeiro que, duas vezes por semana, Maria Gaivão e Inês Ramos, protegidas com máscara e álcool gel na mão, visitam cerca de 20 utentes que frequentam o Centro de Convívio da Galiza, da Misericórdia de Cascais, que se encontra encerrado devido à Covid-19. Ajudam a resolver pequenos problemas, marcam exames médicos, levam as últimas novidades, mas sobretudo sorrisos e “mimos enviados pelos colegas”, num serviço de correio móvel criado para manter a proximidade entre os utentes e atenuar a solidão. Também as crianças que frequentam o ATL da Galiza usufruíram deste serviço enquanto as escolas estiveram fechadas.

Pouco passa das 10 da manhã quando começamos a ronda. As primeiras visitas são a parques passos da Casa Grande da Galiza, “por isso vamos a pé”, informa Maria Gaivão, diretora do ATL da Galiza. Ainda do outro lado da rua Maria grita: “Ó avó Lurdes, desça”.

Em menos de nada a avó Lurdes assoma. Começam as perguntas que se repetem em todas as casas, como viríamos a perceber mais tarde – está bem-disposta, como tem passado, precisa de alguma coisa, tem alguma coisa para

enviar a algum colega, como está o monte de Páscoa, pergunta Inês Ramos, voluntária no ATL da Galiza desde maio de 2020.

A avó convida-nos a entrar para vermos o seu monte, uma iniciativa para o tempo de Quaresma, que consiste na plantação de sementes num vaso para recriar o monte onde Cristo foi sepultado e crucificado. “No fundo é um espaço de oração e algo que eles cuidam com muita paciência, porque querem ter o monte mais bonito”, explica Maria Gaivão, enquanto subimos as escadas estreitas. “Venham com cuidado, já aqui caí”, diz Lurdes. Apesar dos problemas nos pulmões, diz sentir-se bem, “os medicamentos estão a fazer efeito”.

Antes de partirmos, as novidades que a equipa lhe traz deixam-na feliz. “Na quinta-feira trazemos a segunda edição do nosso jornal, a sua receita de arroz de pato vai lá estar”. Sorri, enquanto nos mostra os trabalhos manuais que fez no centro de convívio, “ah que saudades”. “Depois da Páscoa vamos poder retomar as atividades”, diz Maria. A avó Lurdes ergue os braços. “Que boa notícia, que falta nos faz”.

A notícia gera alegria, mas também preocupação entre os idosos visitados. “Então e a vacina? Já viu o que está a acontecer?” Maria e Inês pedem calma e explicam: “nos milhões de pessoas vacinadas houve, infelizmente, alguns que tiveram uma reação menos boa, mas temos de ter calma. Além disso, as atividades vão ser sempre no exterior, vamos usar máscara, viseira e distanciamento”.

“Temos mesmo de começar as atividades, este tempo todo parados e fechados em casa está

a resultar em muitas lesões, tanto cognitivas como físicas, muitos passam o dia sozinhos”, desabafa Maria Gaivão ao VM.

“Agora vamos à avó Jesus, que foi operada ao coração na semana passada”. Inês abre o portão que nos dá acesso ao pátio. Maria de Jesus, 90 anos, surge agarrada ao andarilho e imediatamente conta que a bisneta nasceu aquela madrugada. Parabenizamos a bisavó. A recuperar da cirurgia, diz que ainda não está bem, está “negra”. Mas isso não lhe tira a alegria e o ânimo.

Seguimos viagem, agora na carrinha da Misericórdia, que serve de escritório a Maria. Há consultas para marcar, um pedido de apoio domiciliário para ser feito, uma orientação para os voluntários que ajudam na mercearia comunitária. Inês conduz-nos, afoita, por ruas estreitas até à próxima paragem.

Paramos à porta da avó Fernanda, que nos recebe bem-disposta. A equipa do correio móvel brinca com ela: “como correu o almoço Fernanda, sua toleirona de unhas pintadas”. Gargalhadas. “Olha, fui almoçar com os filhos, tinha de ir arranjada. Mas foi um dia muito bem passado”, responde entre gargalhadas. A cumplicidade e amizade que se vive nestes encontros sente-se a cada casa que visitamos e o tempo “é sempre pouco para estar com cada um deles”, afirma Inês.

Fernanda aproveita a presença da equipa para enviar um presente a uma colega do centro que julgava fazer anos neste dia. “Não é hoje”, diz Inês, “é só no dia 26 de março”.

Mas nem sempre a boa disposição impera. As maleitas, a solidão e falta de retaguarda familiar pesam na vida destes avós. Lurdes e Francisco passaram a barreira dos 80 anos, são um dos casais que frequenta o centro. Ele está internado, ainda a recuperar de uma pneumonia antecedida de um diagnóstico de Covid-19. Lurdes está praticamente cega, o seu apoio era o marido. Agora é uma amiga, que lhe presta alguns cuidados, “quando pode”, conta Lurdes. Maria entra em ação, liga para o presidente da junta. “Temos de ajudar esta mulher”, diz, enquanto do outro lado ninguém atende. “Tento mais tarde”.

Em todas as visitas, os presentes multiplicam-se. Chocolates, bolos e flores como forma de agradecimento a quem doa o seu tempo a preencher a vida de quem se sente só.

O casal Rocha surge sem máscara. “Estávamos na horta a apanhar hortelã e coentros para o almoço”, atira Francisco, apoiado em duas muletas. Hoje o correio móvel traz-lhes uma mensagem da colega Madalena que lhes agradece o “caldo verde cortado fininho” e lhes “deseja muita saúde”. A ligação não se perde.

Também a avó Alice tem correio para receber. Um livro de sopas de letras, enviado pela avó Fernanda, e uma carta do avó Curvo que termina com uma adivinha: “então sabe se a mulher do viúvo pode casar com o cunhado?”. Rimos, enquanto tentamos decifrar a adivinha.

A visita de hoje está a terminar. Falta entregar o presente de aniversário, antecipado, à avó Margarida que já está à nossa espera com o seu monte de Páscoa. Maria aproveita para tirar uma fotografia: “é dos montes mais bonitos, o padre Jorge vai gostar”. “Até quinta-feira.”

Presidente da República Setor social é fundamental para o país

O Presidente da República agradeceu e reconheceu o papel “insubstituível” e “fundamental” que as instituições do setor social têm tido no serviço prestado à sociedade portuguesa. As declarações foram proferidas durante o Conselho Geral extraordinário da CNIS, a 1 de março, no qual participou através de videochamada. Para Marcelo Rebelo de Sousa, “a palavra mais importante” para estas instituições é de agradecimento, salientando ainda que o seu papel “não só é insubstituível como é fundamental na sociedade portuguesa”.



Montargil Trocar cartas para atenuar isolamento

Os utentes do lar de idosos da Misericórdia de Montargil foram convidados a participar no projeto “Já dizia a minha avó”. Criada por seis jovens voluntárias, esta iniciativa visa combater o isolamento dos idosos através da troca de cartas e unir as duas gerações. O senhor Mariano, utente da Santa Casa, foi, segundo nota da instituição, o primeiro a inscrever-se. Para participar neste projeto e trocar correspondência com os idosos é apenas necessário fazer uma inscrição para o email projeto.jadiziaaminhaavo@gmail.com.

São 33 as Misericórdias com novas lideranças

Em 2021 e por força da pandemia, a sessão de acolhimento da UMP aos 33 novos provedores vai decorrer por videoconferência

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Liderança São 33 as Misericórdias que, entre 2020 e 2021, tiveram alterações nas suas lideranças. A maior parte delas, na sequência de processos eleitorais já previstos, outras por óbito dos seus provedores, como Elvas, Bismula, Penafiel e Torres Vedras. O apuramento desses dados surge a propósito da publicação Quem Somos nas Misericórdias 2021 e também da sessão de acolhimento aos novos provedores que este ano vai decorrer por videoconferência.

O distrito de Leiria foi o que registou maior número de alterações, cinco no total de 23 Santas Casas. Alcobaça, Alfeizerão, Ansião, Atouguia da Baleia e Caldas da Rainha elegeram novas lideranças, respetivamente, Carlos Feliciano Marques, Fernando Mota Segismundo, Filomena Afonso Rodrigues Valente, António Prioste Salvador e Maria da Conceição Pereira.

Segue-se Lisboa, onde Alhandra agora conta com José Joaquim da Conceição Alves, Lourinhã com Vanda Oliveira e Marteleira com Alfredo José de Jesus Sarreira. Em Torres Vedras, que em 2020 celebrou 500 anos, o falecido provedor Vasco Fernandes foi sucedido por Carlos Alberto dos Reis.

Açores, Porto e Viseu tiveram três alterações cada. Nas ilhas, Lajes do Pico tem Cláudio Gomes Lopes como provedor. Santo António da Lagoa conta com António da Ponte Borges e São Roque do Pico com Maria Manuela Goulart Pereira.

No distrito do Porto, na sequência do falecimento de Júlio Mesquita, Joaquim Barbosa Esteves assumiu a provedoria de Penafiel e também passou a integrar o Secretariado Regional da UMP no Porto, como segundo secretário. Trofa e Vila do Conde também têm novos provedores, com Alfredo da Costa Gomes e Rui Manuel Canastra de Azevedo Maia, respetivamente.

Viseu teve alterações em Lamego (António Carreira), Oliveira de Frades (António Grave) e Penela da Beira (Fernanda Maria Seixas Coelho).

Em Bragança, Alfândega da Fé está sob os comandos de Carlos Manuel Oliveira Pousado e Miranda do Douro com Manuel Rodrigo Martins. Faro também tem novidades. No Algarve, Ricardo Manuel Casanova Lampreia está à frente da Misericórdia de Loulé e João Pedro da Cruz Correia dirige Portimão.

No distrito da Guarda, Soito está com Tiago José Carrilho Martins Pereira Nabais e Bismula, cujo provedor José Augusto Vaz faleceu em janeiro de 2020, conta agora com Manuel Joaquim Santos Pina.

Em Portalegre também decorreu uma alteração por motivo de óbito. Em Elvas, Fernando Gonçalves Lopes foi sucedido por Mário Cruz Mendes. Em Monforte, os irmãos elegeram Joaquim António Belchior Mourato como provedor.

Beja, Castelo Branco, Coimbra, Madeira, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real tiveram apenas uma alteração, respetivamente por distrito: Almodôvar (Paulo Capela), São Vicente da Beira (João Maria dos Santos), Tábua (Sandra Ména), Calheta (José Mário Nunes, que também assumiu o Secretariado Regional como presidente), Sines (Eduardo Bandeira), Monção (Armando Guedes da Ponte) e Alijó (Carlos Manuel Magalhães).

Além dessas alterações, Amieira do Tejo, Alpedrinha, Lavre e Montijo aguardam (ao fecho da edição) pela realização de eleições que determinem as novas lideranças. Por sua vez, as Misericórdias de Castanheira de Pera e Portalegre tiveram instauradas, entre 2020 e março de 2021, comissões administrativas.

Apesar de ainda não ter data marcada, a sessão de acolhimento aos novos provedores vai decorrer por videoconferência e contará com a participação do presidente da UMP, Manuel de Lemos, e de outros elementos do Secretariado Nacional. Em 2020, a sessão teve lugar a 12 de fevereiro, na sede da UMP em Lisboa. Além das boas vindas, estas sessões visam dar a conhecer a União das Misericórdias Portuguesas, dos órgãos sociais às linhas de serviço vocacionadas para apoiar as Santas Casas, entre outros.

As sessões de acolhimento aos novos provedores visam dar a conhecer a União das Misericórdias, dos órgãos sociais às linhas de serviço



Cor Murais também animam as funcionárias que diariamente percorrem os corredores

Paredes do lar ganharam cor e vida com ilustrações

Os desenhos e pinturas no lar de idosos foram feitos por Raquel Valentim, funcionária da creche da Misericórdia de Moncarapacho

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Moncarapacho As paredes do Lar D. Maria Lizarda Palermo, da Misericórdia de Moncarapacho, ganharam cor e vida nova depois de serem decoradas com dois murais pintados por uma funcionária da creche. Num deles, dois idosos sorridentes seguram um coração com a frase que lhes relembra que o movimento é vida. No outro, lê-se que ser idoso é fazer parte da “melhor idade”.

Desde que a Covid-19 se instalou que as paredes do lar D. Maria Lizarda Palermo ficaram despidas. As telas que exibiam os trabalhos que os utentes fazem nas atividades de animação sociocultural foram retiradas das paredes “para facilitar a higienização do lar” e todo o “espaço ficou nu, frio e sem alegria”, disse ao VM Isabel Marques, diretora técnica do lar.

Mas isso havia de mudar. “Uma ideia antiga” voltou à lembrança da diretora técnica, que trabalha na instituição há cerca de 20 anos. “Quando vim para o lar e porque temos paredes amplas, pensei pintá-las com grafites ou com pinturas vivas para alegrar o espaço, mas a ideia nunca foi para a frente”.

Mas, como diz o ditado popular, ‘mudam-se os tempos, mudam-se as vontades’ e agora, “perante esta situação e com o apoio da vice-provedora, Sandra Amendoeira, decidimos avançar”, conta.

Para isso contaram com a ajuda de Raquel Valentim, funcionária da creche que com o segundo confinamento geral foi temporariamente transferida, com outras colegas, para o lar de idosos para ajudar nas mais diversas tarefas. Foi então que foi “desafiada pela diretora e vice-provedora a pintar as paredes do lar”.

Raquel Valentim agarrou o desafio e ao VM disse que foi uma experiência “muito gratificante” por ter podido levar “cor e alegria ao lar”. Enquanto a pintura dos murais decorria, os idosos “passavam por mim e perguntavam pelos desenhos, davam palpites, foi muito engraçado”, relembra.

À medida que as duas pinturas iam ganhando vida e cor, “os olhinhos dos idosos até brilhavam, eles estão aqui isolados, sempre foi uma forma de animar o espaço”, disse Isabel Marques. Para além de alegrar os corredores do lar e os utentes, estes murais também serviram, segundo a diretora técnica, “para animar as funcionárias que diariamente percorrem estes corredores”.

Para já, o lar de idosos ganhou apenas duas pinturas, mas a ideia é, segundo Isabel Marques, fazer mais. “A creche, entretanto, reabriu e já não há tanta disponibilidade, mas a Raquel é uma artista e havemos de arranjar tempo para continuar a dar vida e cor ao lar”. ♡

‘Pintar sorrisos’ para combater o isolamento

Através do projeto ‘Felicitame’, a Misericórdia de Ferreira do Alentejo visa, através do SAD, contrariar a solidão, o isolamento

TEXTO **CARLOS PINTO**

Ferreira do Alentejo Quando as auxiliares do apoio domiciliário lhe bateram à porta naquela manhã soalheira de segunda-feira, Francisco Carlos Guia nem imaginava o que estava para vir. O dia 8 de março era de aniversário para este octogenário de Ferreira do Alentejo e, por isso, foi surpreendido com um pequeno bolo decorado por uma vela e um “parabéns a você”, cantado com muita alegria pelas visitantes.

“Não estava nada à espera, mas soube-me mesmo bem. As meninas são simpáticas e alegres e fizeram-me esta surpresa de cantar os parabéns no dia em que fiz 87 anos”, conta com boa disposição este antigo proprietário de uma oficina de mármore em Ferreira do Alentejo, no distrito de Beja, que é viúvo e vive sozinho, sendo raras as saídas de casa. “Dou uma voltinha de vez em quando, só para ‘desemperrar’ as pernas”, garante.

A pequena festa de aniversário quebrou a rotina solitária de Francisco. Uma surpresa “muito agradável” preparada pelo serviço de apoio domiciliário (SAD) da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, no âmbito do projeto ‘Felicitame’. O SAD conta atualmente 53 utentes, incluindo os que se encontram domiciliados em virtude do encerramento dos centros de dia, e a iniciativa nasceu no final do ano passado “num contexto de alteração do paradigma da resposta social” do serviço, que ganhou uma nova importância em tempo de Covid-19.

“O contexto de pandemia veio agravar a solidão, o isolamento e a dispersão do afeto familiar, constituindo-se a equipa de SAD, em grande parte dos casos, a família de coração diariamente presente. Por isso, era fundamental mudar a nossa prática e o ‘Felicitame’ foi a ideia-chave”, explica Daniela Góis, 28 anos, diretora técnica do SAD da Misericórdia alentejana.

Segundo esta responsável, tudo partiu do pressuposto que os utentes deste serviço “precisavam de ser envolvidos noutra tipo de atividades que englobassem domínios que fossem além do autocuidado”. Assim nasceu o ‘Felicitame’, “cujo objetivo é surpreender as pessoas, proporcionando-lhe um momento diferente numa ótica de proximidade, valorização

e empatia pelo outro”.

“Afinal, quem de nós não gosta de ser surpreendido?”, questiona Daniela Góis.

O projeto tem ainda pouco tempo de existência, mas a diretora técnica do SAD da Misericórdia de Ferreira do Alentejo faz um balanço “muito positivo”, comprovado “através de emoções muito transparentes, não fosse este um momento surpresa”.

“Pintar sorrisos é o mote do projeto e ficamos com o coração ainda mais quentinho quando observamos que estes pequenos gestos fazem muita diferença na vida de quem cuidamos diariamente”, diz Daniela Góis, que acrescenta: “Mostrar que realmente nos importamos com o bem-estar do outro é valorizá-lo em todos os aspetos, sobretudo nas dimensões mais abstratas”.

Na visão desta responsável, “ao fazê-lo estamos a celebrar alguém com história”, rejeitando a ideia de que “celebrar o aniversário de alguém” seja “banal”. “E se vos dissermos que na nossa prática e contexto territorial é uma inovação, sobretudo nas camadas mais envelhecidas? Estamos a valorizar a pessoa enquanto pessoa que é. Como não ficar feliz?”, afirma.

O projeto ‘Felicitame’ ganha ainda uma outra dimensão pelo atual período pandémico, com os idosos remetidos a casa, afastados das respetivas famílias há já longos meses. Demasiados meses.

“O contexto de pandemia e consequente confinamento veio agravar e alastrar ainda mais o problema da solidão e do isolamento de muitos agregados familiares. Por essa razão, a pertinência do ‘Felicitame’ chegar a todos de igual forma com um duplo objetivo: valorizar o outro numa vertente de proximidade, mas também e sobretudo dar visibilidade a quem recorrentemente tende a estar esquecido e foi esquecido, afirmo, neste contexto de pandemia por parte do Estado”, argumenta Daniela Góis.

Para a diretora técnica do SAD da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, “estas pessoas existem e têm tantos ou mais problemas do que

O projeto ‘Felicitame’ ganha outra dimensão por causa da pandemia, com os idosos afastados das suas famílias há longos meses



'Felicita-me' O objetivo da iniciativa é 'surpreender as pessoas, proporcionando-lhe um momento diferente numa ótica de proximidade, valorização e empatia pelo outro'

a população-alvo que se encontra em contexto residencial", sendo urgente "ver e intervir" junto destas pessoas. "Foi nesta linha de pensamento que o projeto foi criado. Atenuar a discrepância sentida em torno desta situação e promover estes momentos enquanto equipa é a nossa missão", afirma.

Tudo isto leva Daniela Góis a afirmar que o 'Felicita-me' é apenas "o ponto de partida" de uma equipa "empenhada em continuar a fazer

mais numa perspetiva de melhoria contínua com os recursos disponíveis". Por isso, diz, "o projeto vai ser alargado pós-pandemia numa linha de intervenção técnica diferenciada no nosso contexto territorial".

"Já estão a ser equacionados outros subprojetos, pese embora seja necessário um trabalho multidisciplinar", anuncia, concluindo com uma citação de José Saramago: "Não tenhamos pressa, mas não percam tempo".

Primeira infância Valorizar os primeiros mil dias de vida

Os primeiros anos de vida são muito importantes na formação física, mental e emocional de uma criança e, a pensar nisto, várias associações, entre elas a UMP, juntaram-se para refletir sobre como melhorar a qualidade de vida das crianças e lançaram, sob a alçada da Fundação Nossa Senhora do Bom Sucesso, a campanha "Primeiros Anos a Nossa Prioridade". A campanha visa "promover a consciencialização da sociedade e influenciar políticas e investimentos" para que se reconheça a importância dos primeiros 1000 dias de vida de uma criança.



Mértola Nova árvore que sinaliza esperança

Os utentes do lar de idosos da Misericórdia de Mértola assinalaram a chegada da primavera e o dia mundial da árvore com a plantação de uma árvore oferecida pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. De picareta e sacholas na mão, três idosos plantaram o pinheiro num espaço exterior contíguo à Santa Casa e lembraram tempos idos da lide no campo. Nas redes sociais, onde a instituição partilhou imagens, muitos saudaram a iniciativa que veem como "um sinal de esperança" num ano conturbado.

Energia com financiamento colaborativo

Marco de Canaveses O Hospital de Santa Isabel, da Santa Casa da Misericórdia de Marco de Canaveses, vai instalar um sistema fotovoltaico para autoconsumo (UPAC) de energia elétrica renovável, com recurso à Cooperativa Coopérnico. Esta instalação, avaliada em 60.750 euros, será capaz de abastecer o equivalente ao consumo anual de 62 famílias, evitar a emissão de 104 toneladas de dióxido de carbono e poupar uma média de 7.620 euros por ano, nos primeiros 10 anos, e 23.031 euros ao ano, durante os 15 anos seguintes.

Esta iniciativa, refere comunicado da Santa Casa, apenas é possível devido à Coopérnico, a primeira cooperativa sem fins lucrativos de energias renováveis portuguesa que vai financiar o projeto. Segundo a provedora Maria Amélia Ferreira, "o financiamento por parte da Coopérnico foi a forma encontrada para começar o caminho de reduzir a despesa com o consumo de energia nos nossos edifícios, sem necessidade de investimento da parte da instituição".

Cabe à Coopérnico assegurar que o projeto é financiado pelos seus membros, que recebem os benefícios económicos do projeto. Qualquer pessoa pode ser membro e participar em projetos como a campanha de financiamento do Hospital de Santa Isabel (saber mais em <https://www.coopernico.org/pt/membership>). Depois de angariado o investimento, prevê-se que a instalação esteja completa em pouco tempo.

O sistema do hospital da Misericórdia de Marco é o maior fotovoltaico para autoconsumo de energia elétrica aberto a financiamento colaborativo na Coopérnico. Para Nuno Brito Jorge, presidente da direção da cooperativa, "o Hospital de Santa Isabel encontrou uma solução benéfica que não passasse por investimento próprio para, não só poupar na fatura de energia, como compactuar com os objetivos para a sustentabilidade através de um sistema fotovoltaico para autoconsumo."

Viana do Castelo Altar-mor da igreja foi recuperado

A Misericórdia de Viana do Castelo recuperou recentemente o altar-mor da sua igreja. A intervenção contou com o apoio da Câmara Municipal e foi realizada, com aprovação da Direção Regional de Cultura, pela empresa OCR- Oficina de Conservação e Restauro, entre julho e setembro de 2020. Entre outros objetivos, a obra visou “estagnar os fatores degradativos, conservar os valores originais e restituir a leitura estética e litúrgica do conjunto” e contou também com outros donativos de particulares.



Coimbra Tela de pintor régio regressa ao museu

O quadro a óleo sobre tela com a representação da Imaculada Conceição e São Teotónio, da autoria do pintor régio André Gonçalves, regressou ao Museu da Santa Casa de Coimbra depois de ter integrado a exposição “Imaculada Conceição – Um Percorso Temático”, uma iniciativa do Museu Nacional de Machado de Castro em colaboração com a Diocese e Misericórdia de Coimbra. Recorde-se que o Museu da Misericórdia de Coimbra abriu portas ao público a 12 de setembro de 2000, por ocasião das comemorações dos 500 anos da sua fundação.



Voluntariado é língua universal em Cerveira

Voluntários portugueses e espanhóis foram determinantes para a Misericórdia de Vila Nova de Cerveira lidar com a Covid-19 no lar

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Cerveira A Misericórdia de Vila Nova de Cerveira viveu tempos “dramáticos” em janeiro de 2021, na sequência de um surto de infeção por Covid-19, que reduziu o número de funcionários do lar de idosos de 42 para 10. Para cuidar dos 66 utentes infetados, valeu-lhes o apoio da autarquia e da brigada de intervenção rápida da Segurança Social, assim como a mobilização da sociedade civil, num total de mais de 20 voluntários dos dois lados da fronteira.

“Foi dramática a escassez de recursos humanos, 80% dos colaboradores foram para casa infetados. Um verdadeiro cenário de guerra. Acionámos as brigadas de intervenção rápida, que de imediato se disponibilizaram, acionámos o plano municipal de proteção civil e lançámos um apelo ao voluntariado, que foi bem correspondido, com enorme adesão de vários pontos de país e até de Espanha”, recorda o provedor Rui Alberto da Cruz.

A mobilização de voluntários, em tempo recorde, surgiu em resposta ao apelo transfron-

teiriço lançado pela autarquia e Santa Casa em meados de janeiro. Num comunicado conjunto, as duas instituições referem que a ajuda foi acionada através da Eurocidade Cerveira-Tomiño (Galiza), na sequência de uma reunião de “emergência da comissão municipal de proteção civil, perante a situação de calamidade de saúde pública que se vive no lar Maria Luísa”.

Cristina Oliveira, 45 anos, chegou ao Lar Maria Luísa, em finais de janeiro, para ajudar em todas as tarefas necessárias, desde higiene pessoal a alimentação. Em meios pequenos, as notícias correm depressa e por isso, antes de ver o apelo nas redes sociais, Cristina já sabia que a Misericórdia de Vila Nova de Cerveira precisava de um reforço urgente de recursos humanos.

“Vivo relativamente perto e todos estavam a par da situação. Conhecia a instituição porque os meus avós tinham estado no lar e achei que tinha as condições reunidas para ajudar sem colocar ninguém em risco, alguém tinha de o fazer”, declarou ao VM, quase um mês depois.

O dia de trabalho começava por volta das 7h30, com a higiene pessoal dos utentes, “um trabalho duro e pesado”, repartido por poucas colegas. A exigência física da tarefa era agravada pelo uso de várias camadas de materiais de proteção. “Batas, luvas, viseiras que nos limitavam os movimentos e chegar às pessoas”, recorda.

A adaptação foi brusca e imediata. Não havia tempo para pensar. “Só deu para chegar

e trabalhar, sabia que as pessoas precisavam de mim”. Depois de asseguradas as necessidades básicas sobrava pouco tempo para a interação com os idosos. Mas pelo olhar, conseguia identificar a tristeza e desânimo sentido por muitos. “O que mais me afligia era saber que não havia pessoal suficiente para limpar e dar as refeições”, confessa. Apesar da exigência física e emocional, não se arrepende da decisão tomada. “Foi muito duro, mas também muito gratificante. Os meus avós iam ficar muito felizes por saber que ajudei”.

A ajuda chegou também do outro lado da fronteira, Tomiño, localidade vizinha a poucos quilómetros de distância. Em poucos dias, a voz melodiosa de Maria Pilar Lorenzo cativou os idosos, que a passaram a tratar carinhosamente por “galeguita”. “Apesar de toda a indumentária, reconheciam-me pela fala. Brincavam e diziam: quem diria que uma espanhola ia cuidar de mim. Estavam muito agradecidos”, conta a voluntária de 33 anos, que considera Vila Nova de Cerveira uma “segunda casa, é como se estivéssemos todos do mesmo lado”.

No início de fevereiro, o regresso de alguns membros da equipa trouxe também alguma normalidade. “O clima de guerra” dava lugar a um sentimento de esperança e foi por essa altura que Sara Lopes, 29 anos, chegou ao Lar Maria Luísa. “Quando cheguei, o piso estava todo isolado e ainda havia muitos casos, mas



Voluntários A mobilização, em tempo recorde, surgiu em resposta ao apelo transfronteiriço lançado pela autarquia e Santa Casa em janeiro

Economia social Cinco cidades compõem rede europeia

Decorreu, a 29 de março no Palácio Nacional de Queluz, a sessão que formalizou a Rede de Cidades Portuguesas – Capital Europeia da Economia Social 2021. Na cerimónia, os presidentes das Câmaras Municipais de Braga, Cascais, Coimbra, Sintra e Torres Vedras assinaram a Carta de Compromisso que dá início a um conjunto de iniciativas próprias ou a desenvolver com a CASES. A sessão teve lugar no âmbito da conferência “O papel da Economia Social na criação de emprego e na implementação do Pilar Europeu dos Direitos Sociais”.



Lamego Igreja vai abrir portas à comunidade

A Santa Casa da Misericórdia de Lamego vai promover uma maior abertura da Igreja das Chagas à comunidade. Em comunicado, o provedor António Carreira explica que a igreja era até então “de acesso quase exclusivo à realização de cerimónias religiosas pelos irmãos” e que a decisão visa ir ao encontro de um número crescente de pedidos apresentados por cidadãos que manifestam a vontade de aceder à igreja para a celebração, por exemplo, de casamentos, batizados ou funerais.

os idosos já estavam a melhorar, já não apanhei a fase tão crítica. Houve tempo para mostrar as instalações e apresentar o pessoal, o acolhimento foi impecável”, descreve a jovem de Vila Nova de Cerveira, a residir no Porto.

Apesar do medo inicial, Sara socorreu-se do exemplo dos mais experientes, com quem partilhou desafios e conquistas diárias. “Ver a progressão do estado de saúde dos idosos e sentir aquele clima de colaboração, coesão e altruísmo entre todos dava-nos uma sensação de paz incrível, foi uma experiência valiosa e transformadora”, relata com fulgor.

As palavras não chegam para traduzir o turbilhão de emoções que sentiu durante aquelas duas semanas, mas ajudam a compreender a intensidade de uma experiência desta natureza. Já tinha feito voluntariado noutras ocasiões, mas nunca de forma “tão presente e intensa como esta. Não tinha noção desta realidade, é preciso muito amor, vocação, generosidade e empatia para fazer este trabalho”. No final, levou um coração bordado pelos idosos, a admiração e a certeza de que não esquecerá todos os que se cruzaram no seu caminho.

Quando falámos com o provedor, em meados de fevereiro, a Santa Casa aguardava a data oficial de recuperação definitiva. A notícia tornou-se pública a 22 de fevereiro, num comunicado da autarquia. “Já podemos respirar de alívio”, anuiu Rui Alberto da Cruz. **VM**

Ainda que difícil, nem tudo foi mau ou negativo

Na Casa de Acolhimento Residencial da Misericórdia de Vagos, o confinamento trouxe desafios ao dia-a-dia de utentes e trabalhadores

TEXTO **PAULO SÉRGIO GONÇALVES**

Vagos Sentir a areia da praia e o cheiro a marés. Deslizar de skate ao sabor do vento. Mergulhar na piscina. Passear. Tão fácil e acessível, mas impossível quando se vive no meio de uma pandemia. O VM esteve à conversa com algumas das jovens utentes da Casa de Acolhimento Residencial (CAR), da Santa Casa da Misericórdia de Vagos, que, com idades entre os 11 e os 18 anos, deram um testemunho sobre a vivência do confinamento imposto pela Covid-19.

Ana (11), Filipa (16) e Joana (18) [nomes fictícios] sentem saudades da normalidade, de se sentarem nas cadeiras da escola, de conversarem e rirem com os amigos sem necessidade de um ecrã como intermediário. Se em março de 2020 as dificuldades foram muitas, o segundo confinamento, em janeiro de 2021, revelou-se mais fácil.

Joana conta que em março de 2020 “tudo era novo”. “Ninguém estava preparado para lidar com a situação. Nem alunos, nem professores”. “As plataformas eram uma novidade para todos e nem sempre foi fácil”, acrescenta Filipa. Para além das questões técnicas, a impossibilidade de contactar com outras pessoas, “de estarmos fechadas” foi o que mais custou.

Tânia Barros, diretora técnica da CAR, acompanhou de perto todos os desafios, aventuras e desventuras impostas pela pandemia. Equipa técnica e educativa estiveram, lado a lado, em permanência, em turnos de 12 horas, 14 dias consecutivos sem sair da instituição. “Trabalhámos em ‘espelho’ desde a primeira hora, em março de 2020. Houve períodos mais difíceis, porque tudo era novo. Ao nível da gestão emocional das jovens, lidámos com o medo, a saudade. Mas até nós adultos o sentimos, porque todos tivemos que nos adaptar”, revela.

A adaptação às ferramentas digitais acabou por ser a maior dificuldade no primeiro confinamento. “Havia sobrecarga de internet, as plataformas escolhidas diferiam de escola para escola, professores e alunos estavam, ambos, a aprender o funcionamento das mesmas”. À margem das tecnologias, impunha-se a gestão do espaço. “Tínhamos as jovens numa área ampla da CAR para que fosse possível ajudar e prestar atenção a todas em simultâneo. Mas, por vezes, era difícil a gestão do silêncio”, recorda Tânia Barros.

Em janeiro de 2021, o país entra num novo confinamento. As escolas encerram e regressa o ensino online. Nesta fase, a utilização das ferramentas digitais já fazia parte da rotina.



Vagos A Casa de Acolhimento Residencial tem 18 utentes com idades entre os 11 e os 18 anos

“Estávamos mais adaptadas”, explicam as meninas. “Este segundo confinamento já não foi uma surpresa”, acrescentam. Ainda que difícil, nem tudo foi mau ou negativo.

À Filipa e à Joana sabe bem “dormir até mais tarde”. A Ana tem aproveitado a companhia das outras meninas e ainda lhe sobra tempo para lavar “a roupa das bonecas” e até as notas melhoraram. “Penso que acabamos por estar mais concentradas”, explica Joana. Ainda que as aulas práticas sejam mais difíceis à distância, Filipa concorda que o empenho e a concentração ajudam na melhoria da avaliação escolar.

E quando os ecrãs se desligam? “Há mais tempo para convivermos umas com as outras. Num dia normal saímos de manhã para a escola e regressamos já ao final da tarde. Nesta fase, temos mais tempo para nos conhecermos”, refletem. Mas há mais. “Ganhamos mais paciência e compreensão, sentimo-nos mais confiantes”, contam. Um fortalecer de relações que é também referido pela diretora técnica. “Não foi fácil, mas ultrapassámos e os nossos valores saíram reforçados. A resiliência, a cooperação, a solidariedade entre equipas foi e continua a ser fantástica. A direção da Santa Casa e toda a comunidade estiveram sempre ao nosso lado. Mesmo distantes, sentimo-nos muito próximos uns dos outros”, elogia Tânia Barros.

Na Casa de Acolhimento Residencial (CAR) da Misericórdia de Vagos estão atualmente 18 utentes, todas do género feminino e com idades entre os 11 e os 18 anos. **VM**

Brigada de Intervenção Rápida foi ‘ajuda preciosa’

Cinco voluntárias da Cruz Vermelha estiveram na Santa Casa de Viana do Alentejo para apoiar em todas as atividades e necessidades

TEXTO **JOANA MOUQUINHO PENDERLICO**

Viana do Alentejo Há mais de um ano que Portugal e o mundo travam uma batalha contra a pandemia da Covid-19 que já infetou mais de 700 mil pessoas no país. Um vírus que afasta as pessoas, mas que, apesar de tudo, demonstra o lado bom e dedicado do ser humano. Em momentos de dificuldade todas as ajudas são uma alegria e assim foi na Misericórdia de Viana do Alentejo, onde voluntárias da Cruz Vermelha Portuguesa se dedicaram de corpo e alma às pessoas desta instituição para que o vírus não vencesse.

Foi no passado mês de janeiro que um surto de Covid-19 surgiu na Misericórdia de Viana

do Alentejo, mais concretamente no Edifício Rossio. Um surto que assolou a instituição e que no total infetou 66 utentes e 20 funcionárias, tendo falecido 20 dos utentes. Para apoiar no cuidado aos idosos foi acionada uma Brigada de Intervenção Rápida (BIR) da Cruz Vermelha Portuguesa. Esta BIR permaneceu cerca de um mês na instituição e “foi uma ajuda preciosa”, como refere o provedor, Rui Pão Mole ao VM.

Num momento de dificuldade para a Misericórdia de Viana do Alentejo a ajuda destas voluntárias “foi essencial não só na própria instituição em termos de limpeza, por exemplo, como também na ajuda de alimentação e apoio aos utentes”.

Como explica o provedor, numa altura em que grande parte das funcionárias não estavam na instituição pois estavam infetadas, a BIR da Cruz Vermelha “ajudou a que a instituição conseguisse prosseguir e continuar o seu trabalho”.

No total foram cinco as voluntárias da Cruz Vermelha que estiveram na instituição e que apoiaram em todas as atividades e necessidades do dia a dia.

Atualmente este surto de Covid-19 já se encontra resolvido, como confirma Rui Pão Mole: “Neste momento a situação está controlada, não temos qualquer caso ativo em termos de idosos e relativamente a funcionárias penso que tínhamos uma há algum tempo, mas que nesta altura poderá já estar curada”.

Durante o período crítico do surto houve utentes que foram transferidos para a Zona de Concentração de Apoio à População, sendo que também estes já regressaram à instituição.

Quanto à vacinação contra a Covid-19 existe um pólo “onde já foram vacinados alguns idosos, apenas não foram aqueles que apresentavam patologias de alergias e que têm de ser vacinados em ambiente hospitalar”. Já no Edifício Rossio, o processo iniciou no passado dia 24 de março, mas apenas para os idosos que deram sempre negativo.

No entanto, para que os idosos voltem ao contacto mais próximo com as famílias, para além das videochamadas, durante este mês de março já foram retomadas as visitas, com as devidas normas de segurança. **VM**

Brigada da Cruz Vermelha foi essencial para limpeza e também na ajuda em termos de alimentação e apoio aos utentes

Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) com condições comerciais exclusivas⁽ⁱ⁾ para as Santas Casas de Misericórdia em Portugal.

⁽ⁱ⁾Ao abrigo do protocolo celebrado.

✦ EPIs produzidos em Portugal, descartáveis e reutilizáveis, com um custo a partir dos €0,80⁽ⁱⁱ⁾

✦ Entregas em 24h para todas as Misericórdias do País

✦ Produtos inovadores, concebidos a pensar na protecção da saúde e também na comodidade, robustez e fácil utilização, por parte dos profissionais de saúde

⁽ⁱⁱ⁾ Exemplo para um fato de protecção completo de 75GSM lavável até 10 vezes.

Twinkle Variance

PARA MAIS INFORMAÇÕES/ORDENS DE COMPRA CONTACTAR:
+351 910 677 989 | ump@twinklevariance.com

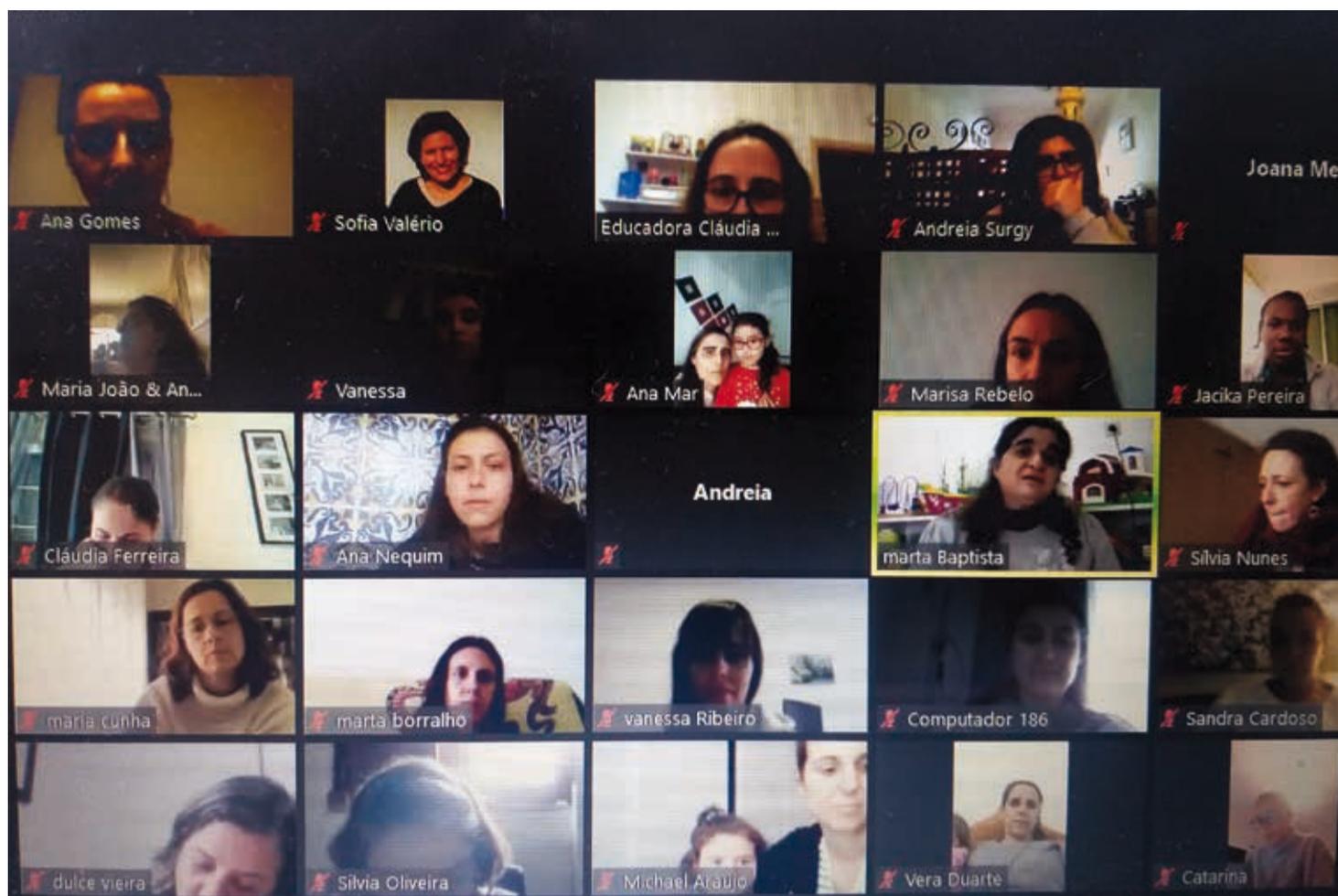
Mora Usar Bimby como terapia ocupacional

O núcleo lúdico-ocupacional da UCC da Misericórdia de Mora conta agora com o robot de cozinha Bimby, oferta da empresa Vorwerk&Co, para ajudar a preparar algumas receitas na oficina de culinária que desenvolvem com os utentes. Na nota de agradecimento publicada no Facebook, a equipa salienta que este aparelho é uma novidade para os utentes e que vai "facilitar processos de aprendizagens novas, estimulantes e desafiadoras, cumprindo ainda funções de agilização de processos relacionados com a motricidade fina".



Seia 'Doce Folar' com produtos da região

A Misericórdia de Seia continua empenhada na divulgação de produtos artesanais da região. Além de cabazes diversos, compostos por queijos, enchidos, doces, vinhos e outras iguarias, a instituição lançou, pela Páscoa, o cabaz 'Doce Folar', que traz num cesto em verguinha, "produtos únicos, produzidos artesanalmente por gentes da nossa região" como sementes de girassol caramelizadas, bolinho de mel recheado e bombons, entre outros. Visite a loja online da Misericórdia de Seia em <https://www.misericordiadeseia.pt/loja/>



Apoio psicológico para cuidar de quem cuida

Os psicólogos da Misericórdia de Almada estão a acompanhar os profissionais das áreas de infância, família e comunidade e terceira idade

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Almada A Misericórdia de Almada reativou, no início de fevereiro, o serviço de acompanhamento psicológico criado em março de 2020 para apoiar os colaboradores de todas as respostas sociais em plena pandemia. Nas primeiras semanas de funcionamento, de 3 de fevereiro a 15 de março, a equipa assegurou 56 atendimentos telefónicos junto dos profissionais das áreas de infância, família e comunidade e terceira idade, visando o bem-estar individual, escuta ativa e definição de estratégias para a resolução de conflitos e prevenção da doença mental.

"Este serviço surge da necessidade de cuidar dos nossos trabalhadores para que sintam que estamos juntos e acompanhados. A nossa missão, enquanto Misericórdia, é ajudar as pessoas, em termos psicossociais, e não podíamos descuidar os nossos cuidadores. Cuidamos melhor se estivermos bem cuidados pela nossa instituição", justifica a coordenadora Adelaide Pinheiro.

Os contactos são assegurados durante a semana, em horário diurno e noturno, por quatro psicólogos de diferentes respostas da instituição que estão em permanente articulação para garantir um apoio concertado. Partem, nalguns casos, de pedidos espontâneos ou de sinalizações feitas pelas direções técnicas.

O papel da equipa de psicologia passa por acolher as preocupações, sugerir estratégias, avaliar e encaminhar para um colega da especialidade, caso se justifique outro tipo de abordagem. "Nesta fase, soma-se um grande desgaste, as pessoas têm muito medo do futuro e, por isso, ajuda saber que estamos em sintonia e informados das respostas que existem".

Segundo Adelaide Pinheiro, o impacto do confinamento e encerramento de serviços em "profissões de terreno, baseadas na relação com o outro" é tremendo e gera "alterações profundas", relacionadas com o medo da doença, situações de luto e receios quanto ao futuro.

As principais preocupações manifestadas pelos colaboradores prendem-se com a adaptação ao teletrabalho, a conciliação da vida pessoal e profissional e a incerteza do panorama nacional. "Há colegas em casa e com dificuldade em conciliar a família e o trabalho, alguns estão tristes por terem os serviços fechados ou quando se deparam com o isolamento dos utentes. São situações inesperadas, que geram ansiedade e as pessoas ficam desorientadas. Alguns ligam

sem objetivo concreto, apenas para conversar, partilhar e refletir", conta a responsável.

O apoio prestado estende-se aos familiares das crianças das respostas sociais de infância que, de janeiro a março deste ano, foram convidados a participar em três sessões online sobre gestão emocional e gestão de conflitos e birras durante o confinamento. No primeiro confinamento, em 2020, foram ainda disseminadas mensagens motivacionais, através das carrinhas de transporte dos colaboradores, para transmitir confiança e agradecer o empenho de todos.

A preocupação com o bem-estar e saúde mental dos colaboradores não é recente e está presente desde a fase de recrutamento e integração na instituição. Para cuidar dos profissionais, a Santa Casa de Almada dispõe de um gabinete de atendimento ao trabalhador organizado em três áreas complementares: aconselhamento jurídico, acompanhamento social e apoio psicológico. "A saúde mental não é tabu na Misericórdia de Almada", comenta a responsável.

"Estamos presentes desde o acolhimento dos profissionais e voluntários e promovemos encontros fora de portas para promover o espírito de equipa e gestão de conflitos, competências essenciais no contacto com o outro", justifica Adelaide Pinheiro.

A linha de atendimento telefónico da Misericórdia de Almada prestou apoio aos colaboradores e comunidade em geral no primeiro confinamento, entre os meses de março e julho, e agora no segundo confinamento, mantendo-se em funcionamento enquanto for necessária, em horário diurno e noturno (segunda a sexta-feira, das 09h30 às 17h e segunda das 20h às 22h). **UM**

Entre outras ações, foram organizadas sessões online para apoiar encarregados de educação a gerir conflitos e birras durante o confinamento

Bragança Domingo de Ramos com missa campal

Os utentes do lar de idosos e da unidade de cuidados continuados da Santa Casa da Misericórdia de Bragança assistiram, no passado dia 28 de março, à missa de Domingo de Ramos no espaço exterior da instituição. A missa campal foi presidida pelo capelão da instituição, padre José Carlos Martins, e estiveram presentes na celebração mais de 50 pessoas, entre utentes e colaboradores, devidamente distanciados. A eucaristia foi ainda transmitida em direto na página de Facebook da Misericórdia.



‘Devolver todo o esplendor a este belo monumento’

Apesar da pandemia, a Misericórdia de Tentúgal está empenhada em recuperar a sua igreja. As ajudas têm chegado, mas ainda faltam meios

TEXTO **VITALINO JOSÉ SANTOS**

Tentúgal A igreja da Misericórdia de Tentúgal, no concelho de Montemor-o-Velho, tem um património artístico e monumental ímpar, incluindo um retábulo quinhentista esculpido em pedra (calcário proveniente de Ançã e de Portunhos), que estava a precisar de um restauro urgente, dada a sua iminente ruína. Simultânea à fundação da Santa Casa, por alvará de Filipe I, esta igreja foi classificada como imóvel de interesse público, em janeiro de 1950.

A situação de degradação do templo tem constituído motivo de preocupação para a comunidade local e, especificamente, para a Santa Casa que, ainda recentemente, procedeu à intervenção profunda de restauro do órgão de tubos do Convento de Nossa Senhora da Natividade. Construído no século XVIII e designado pelo escritor José Saramago como “a voz de Tentúgal”, o referido órgão encontra-se atualmente na igreja da Misericórdia, edificada a partir de 1583, por Tomé Velho (de Lamarosa), um discípulo de João de Ruão, da escola escultórica de Coimbra.

Estimulada por uma doação particular de 50 mil euros, destinada a obras na igreja, esta instituição do Baixo Mondego decidiu candidatar-se ao Fundo Rainha Dona Leonor (FRDL), no início do mandato da provedora Maria de Lourdes Santiago, que começou a

trabalhar nesse sentido, recorrendo a um estudo de viabilidade económica para avançar com a candidatura ao apoio do FRDL.

Com a intenção de “devolver todo o esplendor a este belo monumento”, a Misericórdia de Tentúgal apresentou um plano de conservação e restauro da sua igreja, cujas obras abrangem o retábulo-mor, o retábulo da nave, a fachada do templo, a torre sineira, o baldaquino (cúpula sustentada por colunas), as imagens e peças de arte sacra, as balaustradas, o corta-vento, o púlpito e a sanefa, bem como o painel de azulejos. “Quando fizemos a candidatura ao FRDL, apresentámos um orçamento elaborado ‘em cima do joelho’, com um valor superior a 280 mil euros, mas o Fundo deu-nos a maior verba daquele ano, no valor de 233.482,69 euros, e ficámos muito felizes”, declara a provedora da Misericórdia de Tentúgal.

No entanto, como esclarece Maria de Lourdes Santiago, “num prédio que foi construído entre os séculos XVI e XVIII, há surpresas que não foram contabilizadas”. Assim, “neste momento, o valor das obras que têm de ser feitas e que, por desconhecimento, não foram contempladas no orçamento, ascende a cerca de 150 mil euros”, afirma a responsável ao VM, dando-nos conta dos trabalhos em curso e das iniciativas já desenvolvidas para angariação das verbas necessárias.

Em 2019, foi colocado no YouTube um “vídeo solidário” (com a colaboração da Aposenior - Universidade Sénior de Coimbra) e também realizada uma campanha de “crowdfunding” visando, especificamente, a recuperação do retábulo quinhentista que se articula segundo um esquema típico dos retábulos maneiristas, com o grupo escul-

tórico representando a Visitação a ocupar o lugar central.

Nessas duas ações de angariação de fundos, a “pequena e pobre” Misericórdia de Tentúgal conseguiu quase 11 mil euros, quantia insuficiente para a conclusão dos trabalhos de conservação e restauro, atendendo sobretudo aos estragos do ciclone tropical Leslie, que atingiu o território continental português em 13 de outubro de 2018.

Já foram recuperadas a fachada e a torre sineira do templo. No interior, o retábulo renascentista foi desmontado, fixado à parede testeira e recolocado. “Os telhados têm de ser revistos e bem isolados. Temos também a parte elétrica, incluindo os quadros e todas as canalizações, que têm de ser substituídas”, nota a provedora, alegando que tais “despesas, no âmbito da construção civil, não foram contempladas no orçamento original”.

Por isso, ao abrigo da Lei do Mecenato, a título filantrópico, a Santa Casa sugere ainda a oportunidade dos incentivos de natureza fiscal, traduzidos na redução de impostos, a quem contribua para a concretização deste seu projeto de salvaguarda do património histórico e cultural.

“Sabemos que as pessoas estão preocupadas com a saúde e com o futuro, mas também entendo que devemos preservar o nosso património”, observa Maria de Lourdes Santiago, considerando-o um “testemunho de fé e de esperança num amanhã promissor, porque também foi construído em época de fome, de peste e de guerra, quando não havia pensões de reforma nem Serviço Nacional de Saúde, nem sindicatos e quando todos tinham de trabalhar para comer”. **VM**



Golegã Teatro para espalhar esperança

Através do projeto ‘Espalhar Esperança’, a Misericórdia da Golegã surpreendeu alguns idosos com atuações de teatro à porta de casa. A iniciativa, que decorreu a 26 de março, véspera do Dia Mundial do Teatro, contou com a equipa devidamente vestida com trajes do início do século passado. Recorde-se que o ‘Espalhar Esperança’ surgiu para dar resposta aos idosos da academia sénior e do centro de convívio, que tiveram de suspender atividade por causa da pandemia.

'Abraçar com a voz' quem está isolado

Murtosa A Santa Casa da Misericórdia da Murtosa tem em funcionamento uma linha de apoio a idosos em situação de isolamento social. Denominado "Abraçar com a voz", este projeto de intervenção social acompanha atualmente 21 idosos através de contactos semanais.

Ana Maria Vaz, psicóloga e coordenadora do projeto, revelou ao jornal Voz das Misericórdias os objetivos desta linha que funciona de segunda a sexta-feira das 9 às 17 horas, através do contacto 936 005 145.

Assumindo-se como instrumento de combate à exclusão social, designadamente das populações que revelam maiores níveis de fragilidade social, pretende-se "minimizar os efeitos do isolamento, agravado pelo contexto de pandemia por Covid-19, a que estão sujeitas as pessoas idosas".

"Contribuir para o bem-estar e saúde psicológica dos idosos, proporcionando-lhes companhia, conforto e apoio através de um contacto regular e ainda apoiar a vigilância de idosos, monitorizando o seu estado de saúde e necessidades básicas" são alguns dos objetivos desta iniciativa da Misericórdia de Murtosa.

O feedback por parte da população tem sido "extremamente positivo", revelou-nos a coordenadora, sublinhando a importância deste "abraço com a voz". Destinado aos seniores com mais de 65 anos, o serviço não tem qualquer custo. "Devolvemos a chamada pelo que o utilizador não tem qualquer gasto. Do outro lado da linha, garantimos que está uma voz amiga para aconselhar, esclarecer ou, simplesmente, conversar".

A equipa multidisciplinar é composta por três elementos: Ana Maria Vaz (psicóloga), Patrícia Matos (assistente social) e Diana Franco (animadora sociocultural). O serviço é completamente gratuito e deverá manter-se em funcionamento durante os próximos tempos. A iniciativa tem como destinatários pessoas com 65 ou mais anos e decorre no âmbito do CLDS-4G Murtosa em Rede, promovido pela Misericórdia de Murtosa. 

TEXTO **VERA CAMPOS**

Vila Nova da Barquinha Maratona de saúde mental para idosos

Os utentes da Misericórdia de Vila Nova da Barquinha participaram na II Maratona da Saúde Mental organizada pela congénere do Entroncamento. Dança, workshops, jogos e espetáculos de música foram algumas das atividades realizadas ao longo da maratona que contou com participantes de diversas instituições de apoio à terceira idade. No Facebook, a equipa da Misericórdia de Vila Nova da Barquinha agradece o convite para participarem na iniciativa que proporcionou "momentos fantásticos" aos utentes.



Guarda Dia de S. José celebrado com 'esquecidos'

Na Santa Casa da Misericórdia da Guarda o dia de S. José, dia em que também se comemora o dia do pai, foi celebrado com a confeção e degustação dos bolos "esquecidos", típicos da zona. As utentes foram até à cozinha e com a ajuda das colaboradoras da instituição amassaram e cozinharam os "esquecidos" para depois oferecerem aos pais que estão na instituição e que devido à pandemia ainda não podem "partilhar afetos em modo presencial" com os filhos. Uma "forma doce e fraterna" de celebrar a data, refere nota da instituição.

CONTRATAÇÃO PÚBLICA



CARLOS JOSÉ BATALHÃO
Advogado especialista em Direito Administrativo

Plataformas e assinaturas: o 'reverso da medalha'

Portugal foi pioneiro na desmaterialização dos procedimentos de contratação pública em toda a Europa. Fizemos história e o legislador europeu seguiu atentamente a nossa experiência e consagrou-a.

Porém isso não nos deixa totalmente seguros e nenhuma "vitória" é absoluta. Atrás das enormes vantagens, há sempre o "reverso da medalha". Basta lembrar o que foi acontecendo ao longo de algum tempo com a plataforma eletrónica "GATEWIT", tendo o IMPIC posteriormente cancelado a autorização concedida à Construlink para exercer a atividade de gestão da plataforma eletrónica de contratação pública denominada "Compras Públicas" (<https://www.compraspublicas.com/>) e que ostentava a referida a marca "GATEWIT". Então, em final de 2016, foi consequentemente determinado a cessação da atividade da plataforma, em Portugal, por tempo indeterminado (até hoje). Este caso, pela positiva, demonstrou que as instâncias atuam e que a tutela dos utilizadores até funcionou (ainda que se admita, depois de um longo período de práticas ilícitas ou irregulares e de prejuízos sérios para vários agentes económicos).

Mas isso não significa que todos os interessados no mercado da contratação pública abdicuem de uma cautela permanente. É que há vida para além da própria plataforma, e ela está intimamente ligada com o modo de apresentação de propostas e documentos, que reclamam uma "assinatura eletrónica".

Temos, pois, que olhar para a Lei nº 96/2015, de 17 de agosto, que regula a disponibilização e a utilização das plataformas eletrónicas de contratação pública, abreviadamente designadas por plataformas eletrónicas, previstas no Código dos Contratos Públicos (CCP), estabelecendo os requisitos e as condições a que as

mesmas devem obedecer e a obrigação de interoperabilidade com o Portal dos Contratos Públicos (BASE GOV) e com outros sistemas de entidades públicas.

Em especial o disposto no seu artigo 54º, que começa por determinar, como regra geral, que todos os documentos submetidos na plataforma eletrónica, pelas entidades adjudicantes e pelos operadores económicos, devem ser assinados com recurso a assinatura eletrónica qualificada, nos termos dos nºs 2 a 6 do normativo.

Assim, os documentos elaborados ou preenchidos pelas entidades adjudicantes ou pelos operadores económicos devem ser assinados com recurso a certificados qualificados de assinatura eletrónica próprios ou dos seus representantes legais, e os emitidos por entidades terceiras competentes para a sua emissão (designadamente, certidões, certificados ou atestados), devem ser assinados com recurso a certificados qualificados de assinatura eletrónica das entidades competentes ou dos seus titulares, não carecendo de nova assinatura por parte das entidades adjudicantes ou do operador económico que os submetem.

Também se estipula que os documentos que sejam cópias eletrónicas de documentos físicos originais emitidos por entidades terceiras podem ser assinados com recurso a certificados qualificados de assinatura eletrónica da entidade adjudicante ou do operador económico que o submete, atestando a sua conformidade com o documento original.

Nos documentos eletrónicos cujo conteúdo não seja suscetível de representação como declaração escrita, incluindo os que exijam processamento informático para serem convertidos em representação como declaração escrita, designadamente, processos de compressão, descompressão, agregação e desagregação, a aposição de uma assinatura eletrónica qualificada deve ocorrer em cada um dos documentos eletrónicos que os constituem, assegurando-lhes dessa forma a força probatória de documento particular assinado, nos termos do artigo 376º do Código Civil e do nº 2 do artigo 3º do Decreto-Lei nº 290-D/99, de 2 de agosto, sob pena de causa de exclusão da proposta nos termos do artigo 146º do Código dos Contratos Públicos.

Uma lei a ter em atenção, inclusive pelo legislador, que a deve alterar substancialmente, terminando com uma litigiosidade acrescida e escusada. 

É que há vida para além da própria plataforma e ela está intimamente ligada com o modo de apresentação de propostas e documentos

**MARIANO CABAÇO**

União das Misericórdias Portuguesas

Misericórdias: carta de compromisso para todos

No início de 2020 fomos surpreendidos por um vírus que nos impôs a paragem brusca da vida. Durante um ano, em que fomos forçados ao recolhimento e mantidos em isolamento, foi com surpresa e medo que vivenciámos a paragem de todas as dinâmicas sociais, económicas, políticas e culturais.

Afinal, mesmo com dogmáticas trajetórias de competição e sucessos pessoais, foi possível cancelar projetos, suspender percursos e adiar decisões.

Tudo o que tínhamos por adquirido e imutável foi questionado, exigindo-nos uma análise realista aos modos de vida, com as suas condicionantes e seus verdadeiros valores. Ficámos a conhecer vulnerabilidades que teimávamos ignorar em nome da ambição, sempre prioritária, do poder e do ter.

Chegados ao ponto em que durante um ano fomos forçados a parar, adiar e desistir, será desejável que, neste arranque de esperança que a vacina nos permite, não voltemos ao normal da vida que vínhamos trilhando.

Devemos, depois de tudo o que passámos e ainda vamos vivenciar nos tempos próximos, adotar uma nova forma de estar e viver em comunidade. Para isso, mais uma vez as Misericórdias, com o seu ideário programático das obras de misericórdia, podem acrescentar valor às opções que viermos a tomar.

A sua história secular de serviço e humanismo, patentes no esforço que assumiram nesta pandemia e no que lhes vai ser pedido para enfrentar a crise social que se avizinha, conferem-lhes essa legitimidade.

Uma nova ordem civilizacional impõe-se na gestão da casa comum e, para isso, num modesto, mas sugestivo exercício, propomos um conjunto de conceitos que poderiam traduzir uma carta de compromisso para todos.

Obras de misericórdia corporais

Dar de comer a quem tem fome.

Produção alimentar sustentável. Distribuição ética dos bens de consumo. Comércio justo. Economia honesta. Consumos sem desperdício. Mais cooperação e menos competição.

Dar de beber a quem tem sede.

Gestão equilibrada dos recursos

hídricos. Defesa do meio ambiente. Consciência e ação ecológica. Acesso universal a água potável e saneamento básico.

Vestir os nus.

Habituação condigna para todos. Combate à pobreza a vários níveis. Ajuda solidária e desinteressada. Fim da exploração de mão de obra barata. Consumo regrado de bens.

Dar pousada aos peregrinos.

Acolhimento de todos na dignidade de pessoa humana. Acabar com o flagelo dos migrantes, refugiados e sem abrigo. Melhorar a institucionalização de idosos e pessoas com deficiência.

Cuidar dos enfermos.

Reforçar os meios e a gestão do Serviço Nacional de Saúde. Investir na gestão partilhada e complementar dos serviços de saúde. Democratizar o acesso aos medicamentos. Reforçar a investigação científica.

Visitar os presos.

Visitar e apoiar todos os que estão sós em casa. Ajudar os que estão prisioneiros de vícios e explorações indignas. Exercer na proximidade a cidadania da gratuidade.

Enterrar os mortos.

Enterrar os procedimentos que destroem o planeta e as relações sociais. Combater os egoísmos, a ganância, o lucro sem ética e o enriquecimento ilícito. Enterrar os conflitos e as desigualdades entre nações.

Obras de misericórdia espirituais

Dar bons conselhos.

Mudar o paradigma do relacionamento entre pessoas e povos. Ajudar e não impor. Estar próximo sem indiferença. Sugerir e não exigir. Valorizar o ser e o saber em detrimento do ter.

Ensinar os ignorantes.

Aumentar os níveis de escolaridade. Investir na cultura e no conhecimento. Valorizar os meios de comunicação social em proximidade e verdade. Educar para os valores da solidariedade.

Corrigir os que erram.

Aceitar o erro com tolerância. Privilegiar o acolhimento e o perdão. Aceitar a opinião diferente com normalidade e compreensão. Combater as aparências e as invejas. Valorizar o que é original, natural e sincero.

Consolar os tristes.

Encontrar a felicidade nas pequenas coisas das relações pessoais, profissionais e sociais. Olhar para o outro de forma desinteressada e com verdadeiro afeto. Combater a solidão e o vazio.

Perdoar as injúrias.

Aceitar com serenidade o que é diferente. Acolher com humildade a opinião oposta. Aceitar com normalidade as opções do contraditório. Respeitar diferentes culturas, promovendo políticas de coesão e comunhão.

Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo.

Promover relacionamentos verdadeiros. Mobilizar diferentes vontades para fins comuns. Humanizar o estilo de vida em comunidade. Acolher e não abandonar. Aceitar sem criticar.

Rezar a Deus por vivos e defuntos.

Maior espiritualidade para enfrentar os desafios e promover a felicidade. Aceitar o ecumenismo de credos diferentes. Unir os destinos no sagrado e no conforto espiritual de cada vida. Ter uma atitude contemplativa sobre a beleza da vida, sobre a capacidade das pessoas e sobre o mérito dos comportamentos.

Como jamais voltaremos à normalidade do passado recente, seria bom termos coragem para arriscar alguns destes princípios fundacionais do novo normal que forçosamente teremos de construir.

No tempo e no espaço que nos esperam, e que habitamos, teremos a possibilidade única de ser agentes de mudança.

Não desperdicemos a oportunidade que esta crise nos oferece. **VM**

**JOSÉ DA SILVA PENEDA**

Presidente da Mesa da Assembleia Geral da UMP

Um congresso nacional para analisar a pós pandemia

Um ano que passa sobre um acontecimento relevante é sempre motivo para evocação. Quando esse acontecimento marca a humanidade de forma profunda, alterando padrões de comportamento social e político e mexendo com componentes afetivas, uma simples evocação é curto. É preciso mais. Precisamos de perceber, nas suas múltiplas dimensões, as causas do fenómeno e as formas do seu tratamento, matéria da responsabilidade da ciência; precisamos de saber se as novas formas de relacionamento no trabalho vieram para ficar; precisamos de resgatar o sentimento de perda de liberdade que a todos afetou e que impediu que, durante um ano, se beijasse um filho, um neto ou que se convivesse com amigos; precisamos de entender como é possível que a humanidade tenha feito progressos incríveis nos domínios da ciência, da tecnologia, da medicina e em outras áreas que já nos levaram à Lua e perto de pisar Marte, mas não foi capaz nem de prever, nem de sustentar de forma mais rápida e eficaz esta pandemia.

Neste ano que passou o quotidiano do mundo foi diferente. Prescindimos de bens que pensávamos essenciais, mas que afinal não o são. Tínhamos rotinas às quais não dávamos valor e agora reconhecemos que nos fazem muita falta. Eram gratuitas e agora até estávamos dispostos a pagar para usufruir daqueles momentos.

As Misericórdias portuguesas só podem ter um grande orgulho na forma como lidaram com a pandemia. O número de óbitos que infelizmente aconteceram nos lares das Santas Casas, durante um ano foi muito inferior ao que aconteceu em países mais ricos que o nosso, como foi o caso, por exemplo, da Espanha, Bélgica, França, Canadá, Noruega e Irlanda. Em média nos nossos lares, a percentagem de óbitos por número de utentes andou em pouco mais de 5%, enquanto nos lares desses países essa percentagem ultrapassou 20%, 30% e, nalguns casos, mais de 50%.

Mas não tenhamos ilusões. O futuro nunca será como dantes. Mostra a experiência que após um período de crise, seja ela financeira, económica ou social – e esta crise é tudo isso, mais sanitária – nunca se volta ao ponto de partida. Após uma crise e com a dimensão da vida este ano, não-de surgir novos equilíbrios e, provavelmente, novas regras serão definidas



MANUEL DE LEMOS
Presidente da UMP

em vários domínios, designadamente no mundo do trabalho e nas políticas económicas e sociais.

Portugal sai desta crise com maiores desigualdades e injustiças, algumas que estavam como que escondidas e agora se mostram de forma clara. Por exemplo, a pobreza em crises anteriores tinha como válvula de escape a economia informal, o que agora não acontece. Há estratos populacionais que não têm qualquer relação com o mundo do trabalho e, por isso, ficam de fora da proteção social do Estado. Isto significa que não bastam as medidas de emergência. É preciso fazer algo muito mais difícil que é trazer essa gente para o sistema.

Esta crise veio evidenciar a grande vantagem em adotar uma maior proximidade aos problemas. Não fora a ação das instituições sociais e das autarquias, o Estado teria muitas dificuldades em atacar tantas e tão complexas e diversificadas frentes. Esta experiência adquirida aconselha a que se pense em formas mais estruturadas de organizar uma cooperação triangular entre Estado, instituições e autarquias.

Também no domínio da área do apoio à população idosa as coisas terão de ser forçosamente diferentes. A pandemia veio revelar fragilidades que estavam escondidas. Houve casos que só foram superados graças ao espírito de doação que demonstraram os milhares de trabalhadores das nossas instituições que, perante situações, nalguns casos dramáticas, não hesitaram em deixar para trás os seus interesses pessoais e familiares para acudir aos que necessitavam de apoio. O mesmo se passou com os provedores, mesários e dirigentes que mergulharam, nalguns casos dia e noite, na busca de soluções e apoios, muitas vezes difíceis de encontrar, e lutando muitas vezes contra a insensibilidade e ignorância, nomeadamente de alguns departamentos oficiais, designadamente da área da saúde. Como diz o Dr. Manuel de Lemos, os nossos lares de idosos foram concebidos para um tempo diferente do atual. Há que repensar as respostas mais adequadas a uma nova realidade que coloca novas necessidades, mais exigência em capacidades e em mais recursos ao dispor das instituições.

Perante este panorama, penso que seria de grande utilidade a realização de um grande congresso nacional devidamente preparado para, com base na experiência vivida com a pandemia e com o que se aprendeu, analisar temas que merecem uma análise mais profunda, com vista à definição de políticas públicas e de investimentos para o futuro, nomeadamente nos seguintes domínios: desigualdades; pobreza e, especialmente, pobreza infantil; apoio à população idosa; e novas formas de organização e cooperação entre Estado, autarquias e instituições sociais.

‘O futuro começa agora, ou melhor, começou ontem’

Escrever sobre o papel das Misericórdias de Portugal no contexto da presente pandemia é escrever sobre mais um momento sublime da história destas instituições penta seculares.

De facto, como sempre aconteceu no passado, é nos momentos difíceis para as comunidades que as Misericórdias alcançam o seu verdadeiro esplendor.

Ora, este momento tem constituído verdadeiramente mais uma provação para as Misericórdias, os seus dirigentes (sobretudo os efetivos), os nossos colaboradores, todos em defesa das pessoas que têm a seu cargo. Por isso, têm vivido com o “coração nas mãos”, porque cada surto, cada caso positivo, cada ameaça os colocam numa angústia de perderem pessoas que conhecem, muitas vezes desde a infância e que com eles atravessaram boa parte das suas vidas. Também por isso cada óbito é para todos muito mais do que um número, corresponde sempre a uma pessoa com quem se partilhavam afetos, interesses, histórias de vida.

E essa circunstância muda tudo e explica muita coisa.

Recordo-me que no princípio da pandemia e durante muito tempo a comunicação social fez dos lares (e das outras estruturas residenciais) o “bombo da festa” do desastre que então começávamos a viver. E logo os “comentaristas” habituais se apressaram a desenhar o fim dos lares do setor solidário, com alguns partidos políticos a aproveitarem o momento para demagogicamente lançarem a “inevitabilidade” política de uma rede pública de lares. Infelizmente para eles e felizmente para os nossos idosos, os heróis do quotidiano (dirigentes e colaboradores) assumiram as rédeas da proteção dos idosos, de tal forma que Portugal hoje é um exemplo de sucesso de proteção a idosos em estruturas residenciais. Na verdade, a taxa de óbito em estruturas residenciais em Portugal é das mais baixas, senão a mais baixa da Europa e para isso contribuíram decisivamente as Misericórdias e todo o setor social.

Reconheço o trabalho fantástico dos nossos profissionais de saúde, mas os voluntários do setor solidário e os trabalhadores que eles lideraram foram

os verdadeiros heróis anónimos desta guerra sem quartel.

Fez-se tudo bem? Claro que não. Mas quem fez? Aonde? Com que recursos?

É preciso mudar muita coisa? Claro que sim. Temos margem de progressão? Claro que temos. Mas, meus caros, se nós temos que mudar e progredir, também o Estado tem que mudar e progredir.

É forçoso reconhecer que o Senhor Presidente da República, o Senhor Primeiro Ministro e a Senhora Ministra do Trabalho da Solidariedade e da Segurança Social foram aliados imprescindíveis nos momentos que vivemos e que se desdobraram em trabalho e imaginação. Sem dúvida nenhuma e para eles o nosso bem-haja! Mas, se queremos ser exatos e verdadeiros, temos que reconhecer que, mais uma vez, não foi o setor social que se apoiou no Estado, mas o Estado que se apoiou no setor social.

Ora o futuro exige diálogo, bom senso, cooperação e partilha. O futuro exige do Estado reflexão conjunta sobre o que poderá ser a nossa quota parte na execução das políticas públicas sociais, abertura de oportunidades às iniciativas do setor, discriminações positivas,

responsabilidade, financiamentos justos, pagos a tempo e horas, da mesma forma que o futuro exige das instituições transparência, partilha de informação, qualidade na prestação de cuidados e abertura à mudança.

Acresce que o futuro começa agora, ou melhor, começou ontem! Vai ser preciso trabalhar e trabalhar muito para continuarmos a proteger os nossos idosos. Desde logo porque o vírus também “vai continuar a andar por aí” e porque, vencida a pandemia (quando for vencida), vamos por certo ter também (infelizmente tudo aponta nesse sentido) uma crise social pela frente, onde, mais uma vez, a “almofada social” seremos nós. Mas também, porque o número de idosos, de pessoas frágeis, de pessoas com várias doenças crónicas acumuladas, de pessoas com baixíssimos níveis cognitivos, de pessoas com dependências de vários tipos vai continuar a aumentar exponencialmente com inevitáveis consequências para as Misericórdias, restante setor social e para o Estado. Mas também porque urdirá aproveitar os recursos nacionais e os comunitários que a União Europeia coloca à nossa disposição para investimento, requalificação, formação, transição digital e transição ambiental.

Tudo isso só será possível com instituições fortes, sustentáveis, competentes, rigorosas, capazes de pagar salários dignos aos seus colaboradores, unidas à volta das suas Uniões.

É do nosso interesse, mas também é do interesse do Estado. Em nome das pessoas e por causa das pessoas!

Neste contexto, a revisão do Pacto de Cooperação será com certeza a pedra de toque deste futuro que é urgente ser construído.

As Misericórdias são instituições intemporais que celebram a vida, talvez por lidarem tanto com a morte, mas, de certeza, porque essa celebração da vida constitui a idiosincrasia da sua identidade e da sua natureza. Logo, não somos de desistir nem de vergar. Com persistência, resiliência, apoiados nos nossos valores e na nossa matriz, com serenidade, tranquilidade e absoluta determinação.

Se queremos ser exatos e verdadeiros, temos que reconhecer que não foi o setor social que se apoiou no Estado, mas o Estado que se apoiou no setor social

INTESTINO SEMPRE BLOQUEADO?



1 INGREDIENTE ÚNICO

desbloquear

CNP 6264788

OptiFibre
O DESBLOQUEADOR NATURAL

OPTIFIBRE® TEM UM MECANISMO DE AÇÃO NATURAL



Indicado também para mulheres grávidas na fase de amamentação. Idosos e crianças a partir dos 3 anos de idade.



Alimento para fins medicinais específicos para gestão nutricional de pacientes com alterações do trânsito intestinal como a obstipação. Utilizar sob supervisão médica.



SOFTWARE MISERICÓRDIAS
ECONOMIA SOCIAL

**SOLIDÁRIOS CONSIGO
DESDE 1995**



CONTABILIDADE ESNL



UTENTES CT (CERTIFICADOS ATI)



IMOBILIZADO ESNL



PROCESSOS CLÍNICOS UCC



MÓDULO ORÇAMENTOS



PROCESSOS CLÍNICOS MÓVEL



LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS NA CONTABILIDADE



CONTROLO DE PRESENÇAS



ORDENADOS



UNIDADES DE SAÚDE (ADSE / ARS)



GESTÃO DE IMÓVEIS



ACC - ATESTADO CARTA DE CONDUÇÃO



ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS

entre outras



+ de 40 Aplicações



100% de Satisfação



+ de 900 Clientes



GRÁTIS Demonstrações sem Compromisso



Assistência Remota



Formação online

MORADA
Rua dos Cultivares, 255h
4835-044 Guimarães

TELEFONE [+351] 253 408 324
TELEMÓVEL [+351] 939 729 729

EMAIL: tsr@tsr.pt

ENCONTRE-NOS EM
www.tsr.pt



MoliCare® Premium Elastic



NOVO

Sistema de fixação
Elástico



muda da fralda
**20%
mais rápida***



6 níveis de absorção



Serviço ao Cliente
Tel. 219 409 920

www.hartmann.pt

PH MoliCare05/2010

Publidade e Dispositivos Médicos. Leia cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização.
* Die Ergonomy-Experts, comparison of the application of conventional incontinence briefs with MoliCare Premium Elastic, Oct. 2015, Dijon, France.

‘Bom para nós, mau para quem nos subestima’

Dia da Mulher Que perguntas faria uma nova provedora a uma homónima com mais experiência? Para responder a esta indagação, propusemos a duas provedoras um diálogo escrito

EDIÇÃO **BETHANIA PAGIN**



Raquel Vale

Provedora da Misericórdia de Fão



Sara Oliveira

Provedora da Misericórdia do Barreiro

Que perguntas faria uma nova provedora a uma homónima com mais experiência? Para responder a esta indagação, propusemos a duas provedoras um diálogo escrito. Foi em março de 2020 e o objetivo era marcar o Dia Internacional da Mulher no VM. Raquel Vale, que há pouco tempo tinha assumido o cargo de provedora da Misericórdia de Fão, elencou as perguntas. Hoje, confessou-nos, teria feito perguntas diferentes, dada a experiência adquirida ao longo deste ano tão atípico. As respostas ficaram sob a responsabilidade de Sara Oliveira, que desde 2012 assume a liderança da Misericórdia do Barreiro. Ambas aceitaram de imediato o desafio que, infelizmente, teve a sua publicação adiada por causa da pandemia e de toda a cobertura noticiosa que foi imperioso assegurar àquela data. Às duas o nosso agradecimento pela disponibilidade e compreensão.

Raquel Vale - Porque razão considera que cada vez mais mulheres estão a abraçar este tipo de projetos de voluntariado na sua vida, por sinal,

bastante ativa?

Sara Oliveira - No decurso das últimas décadas, a sociedade portuguesa sofreu um conjunto muito considerável de transformações no que diz respeito ao papel da mulher no contexto social. No entanto, parece-me ser importante fazermos uma distinção entre duas realidades. É inegável que, cada vez mais, estamos a ter lideranças no feminino, seja nas empresas, na política ou nas instituições da sociedade civil. Este é um facto importantíssimo no domínio da igualdade de oportunidades. Contudo, não podemos negligenciar a evidência com que, diariamente, lidamos nas nossas instituições do progressivo envelhecimento dos núcleos de voluntariado que, apesar do esforço quase heroico de uma minoria de resistentes, estão a ver muito diminuída a sua esfera de intervenção. Neste domínio, considero que, em parte, a enorme pressão a que as mulheres estão sujeitas no mundo do trabalho e a sua sempre difícil conciliação com a vida familiar

Continue na página 26 ►

AÇORES

- 1 **Maria Azevedo Abrantes**
Horta
- 2 **Dora Maria Valadão**
Santa Cruz da Ilha das Flores
- 3 **Maria Manuela Goulart Pereira**
São Roque do Pico
- 4 **Adelaide Medina Teles**
Vila de Santa Cruz da Graciosa

AVEIRO

- 5 **Rosa de Fátima Figueiredo**
Estarreja
- 6 **Margarida São Marcos**
Ílhavo
- 7 **Leontina Novo**
Oliveira do Bairro
- 8 **Maria Fátima Pereira Tavares**
Sever do Vouga

BEJA

- 9 **Mariana Isabel Carapinha**
Alvito
- 10 **Maria Alice Plácido Pisa**
Moura

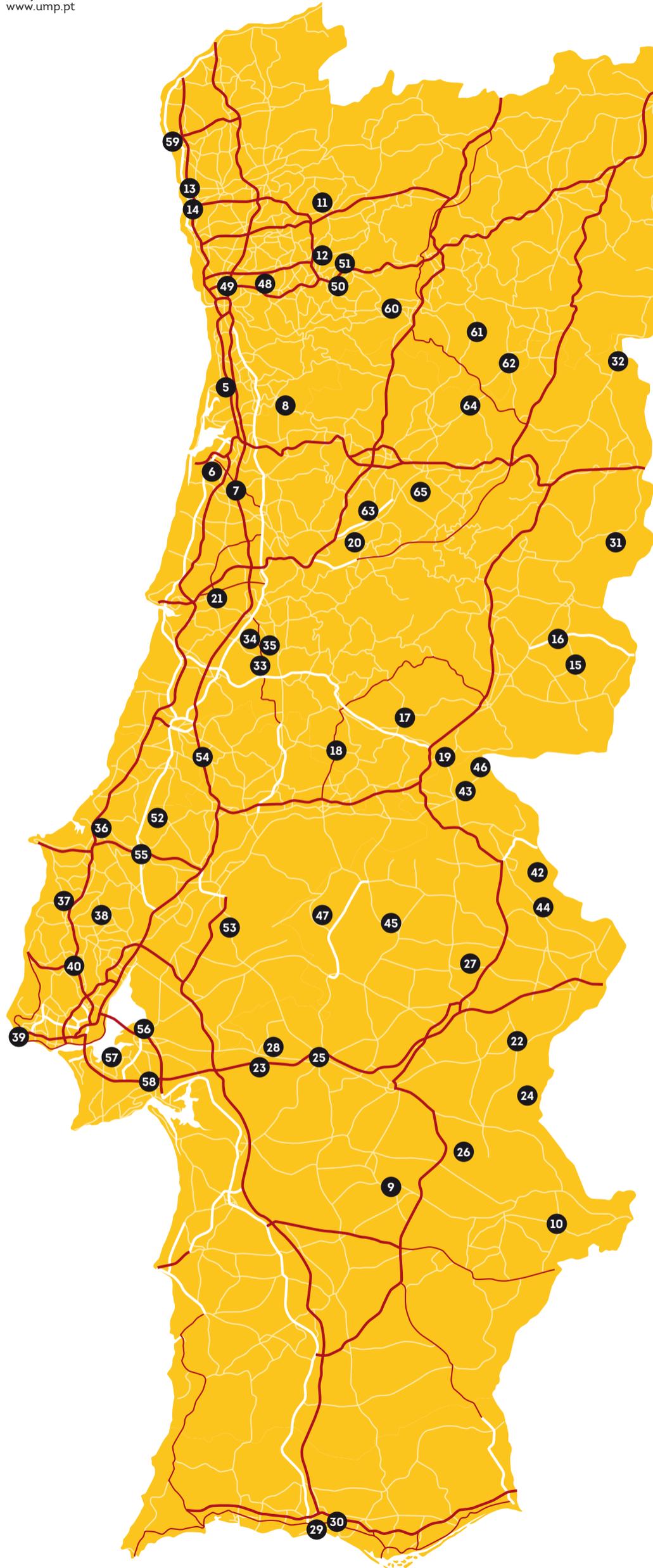
BRAGA

- 11 **Maria Natália Carvalho Correia**
Cabeceiras, S. Miguel de Refojos
- 12 **Maria Gonçalves da Mota**
Celorico de Basto, S. Bento de Arnóia
- 13 **Emília Vilarinho Zão**
Esposende
- 14 **Raquel Vale**
Fão

CASTELO BRANCO

- 15 **Emília Ribeiro Carreiro**
Alcafozes
- 16 **Ana Filipa Canilho Fonseca**
Medelim
- 17 **Maria Rosa André**
Sobreira Formosa
- 18 **Maria Irene Barata**
Vila de Rei
- 19 **Maria Adelina Pina Pinto**
Vila Velha de Ródão





- COIMBRA**
- 20 Sandra Mêna
Tábua
- 21 Maria de Lurdes Santiago
Tentúgal
- ÉVORA**
- 22 Maria Dulce Gonçalves
Alandroal
- 23 Rosa Palhavã
Cabrela
- 24 Catarina Valadas Branco
Monsaraz
- 25 Paula do Carmo Ciriaco Rosado
Montemor-o-Novo
- 26 Maria Luísa Leonço Farinha
Portel
- 27 Ermelinda Prim Xarepe
Veiros
- 28 Helena Luísa C. L. Candeias
Vendas Novas
- FARO**
- 29 Patrícia Seromenho
Albufeira
- 30 Sílvia Gonçalves Sebastião
Boliquite
- GUARDA**
- 31 Nélia Lopes Vasco
Alfaiates
- 32 Judite Araújo da Silva
Figueira de Castelo Rodrigo
- LEIRIA**
- 33 Adelaide Grácio Santos
Alvaiázere
- 34 Maria Luísa Ferreira
Alvorge
- 35 Filomena da Silva Rodrigues
Ansião
- 36 Maria da Conceição Pereira
Caldas da Rainha
- LISBOA**
- 37 Vanda Oliveira
Lourinhã
- 38 Carla Nunes Pereira
Aldeia Galega da Merceana
- 39 Isabel Miguens Bouças
Cascais
- 40 Filomena da Silva Rodrigues
Venda do Pinheiro
- MADEIRA**
- 41 Nélia Martins
Machico

- PORTALEGRE**
- 42 Maria do Carmo Serrote
Alegrete
- 43 Maria José Mandeiro
Arêz
- 44 Deolinda Redondo Pinto
Arronches
- 45 Maria Lisália Madeira
Avis
- 46 Maria Pires Lopes
Montalvão
- 47 Maria Carla Fouto
Montargil
- PORTO**
- 48 Adélia Carvalho Freitas
Freamunde
- 49 Maria Rebelo Maia
Maia
- 50 Maria Amélia Ferreira
Marco de Canaveses
- 51 Ana Machado Monteiro
Paços de Ferreira
- SANTARÉM**
- 52 Wanda Mendo
Alcanede
- 53 Maria Veiga Teixeira
Coruche
- 54 Fernanda da Silva Rosa
Fátima - Ourém
- 55 Maria José Moura Figueiredo
Rio Maior
- SETÚBAL**
- 56 Manuela Boieiro
Alcochete
- 57 Sara Xavier de Oliveira
Barreiro
- 58 Maria Marques de Oliveira
Palmela
- VIANA DO CASTELO**
- 59 Luísa Novo Vaz
Viana do Castelo
- VILA REAL**
- 60 Maria Ferreira Rodrigues
Cerva
- 61 Maria Fernandes de Sousa
Murça
- UISEU**
- 62 Fernanda Maria Seixas Coelho
Penela da Beira
- 63 Helena Gonçalves da Cruz
Carregal do Sal
- 64 Joana Cardoso
Penalva do Castelo
- 65 Infância Pamplona
Santar

DESTAQUE

► Continuação da página 24

encontra-se, infelizmente, na génese desta situação. Ficámos todos mais pobres e em maiores dificuldades com o que se está a passar no domínio do voluntariado, muito por culpa de um tempo histórico em que vivemos apenas na vertigem do imediato e em que não conseguimos romper com o egoísmo que está a corroer comunidades inteiras.

Raquel Vale - Alguma vez sentiu que por ser mulher teria que se esforçar mais por ver reconhecido o seu trabalho na Santa Casa?

Sara Oliveira - Para ser franca, admito que nunca senti nada disso, nem me preocupo sequer com essa questão. Por natureza, não sou uma pessoa de lamúrias e a minha exclusiva preocupação é conseguir concretizar e consolidar os projetos que abraço. Por outro lado, não é o reconhecimento ou a glória passageira que me movem, mas antes um imperativo de consciência de me colocar ao serviço dos que mais sofrem e têm uma condição mais frágil. Porém, admito que ainda possa existir alguma condescendência e menorização do lugar das mulheres no seio das organizações. Pela parte que me toca, confesso que me divirto sempre que alguém acha que, por ser mulher, vou ter uma reação mais emocional ou não vou conseguir a complexidade de um determinado problema. A Misericórdia do Barreiro tem feito alguns bons acordos e negócios quando a outra parte nos dá essa vantagem competitiva. Bom para nós, mau para quem nos subestima.

Raquel Vale - Não sente que o facto de ser mulher lhe dá uma maior sensibilidade no exercício destas funções, que se traduzem, sobretudo, numa única palavra: cuidar?

Sara Oliveira - Não me considero melhor nem pior do que os outros provedores que são do género masculino. Na verdade, parece-me que as mulheres acabam por desempenhar com maior prevalência a função de cuidadoras, em grande medida, porque os homens habituaram-se a demitir-se dessas responsabilidades. É-lhes confortável continuarem a perpetuar esta situação. Na nossa Santa Casa, temos vários exemplos de homens que trabalham connosco como auxiliares de ação médica ou ajudantes familiares e a experiência tem sido muito positiva. A compaixão é inerente à condição humana e não uma fatalidade genética. Provavelmente, onde pode existir uma diferença no tratamento das situações centra-se mais na relação com as trabalhadoras. Como sou mulher e sou também professora, mãe, pai e filha, acabo por, talvez, procurar compreender melhor as dificuldades da conciliação da vida profissional com a familiar. Quanto ao resto, tenho visto muitos provedores a revelarem um enorme carinho e dedicação aos utentes que acolhemos. Não noto grandes diferenças. No passado dia 8 de março, o Papa Francisco disse uma coisa que me tocou profundamente pela sua beleza e significado: “É próprio da mulher tomar a peito a vida. A mulher mostra que o sentido da vida não é continuar a produzir coisas, mas tomar a peito as coisas que existem”. É esse contacto com a realidade das coisas e as emoções da vida que me fascina. Quanto ao resto, estamos cá para trabalhar e servir quem precisa.

78%

Um estudo da CGTP, divulgado a 4 de março, revela que 78% das mulheres portuguesas dedicam pelo menos uma hora de trabalho doméstico por dia, enquanto apenas 19% dos homens o fazem. O mesmo documento indica que quase 40% das mulheres (8% homens) já interrompeu a carreira para cuidar de filhos e cerca de 17% (9% homens) são cuidadoras informais. Durante a pandemia, foram também mais as mulheres (80%) quem mais recorreu ao apoio extraordinário à família, o que ilustra as assimetrias na prestação de cuidados no seio familiar.

85%

As mulheres representam cerca de 85% dos recursos humanos da Misericórdia de Seia. No Dia Internacional da Mulher, a Santa Casa lembrou a importância das mulheres da instituição e referiu ter “muito orgulho” nesta equipa feminina. Também em Fão, a Santa Casa é constituída por 85% de mulheres, que totalizam 187 entre 220 colaboradores. “Somos cuidadores por isso há muitas mulheres nestes serviços. Em cargos de chefia, a presença de mulheres está também bastante equilibrada”, revela a provedora Raquel Vale.

Celebrar conquistas e reafirmar igualdade

Dia da Mulher A multiplicidade de papéis no dia-a-dia exige das mulheres uma gestão metódica do tempo, mas a conciliação de vida profissional e pessoal é possível e desejável

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

A pandemia alargou o fosso entre homens e mulheres. Os sinais de alarme têm soado em todo o mundo com o aumento das desigualdades no mercado de trabalho e em casa. Sobre as mulheres, que representam 70% dos cuidados sociais e de saúde no mundo, recaíram maiores responsabilidades no combate à pandemia, mas recaíram também os principais impactos sociais e económicos da Covid-19. Num tempo de avanços e recuos, a celebração faz-se com a reafirmação da igualdade e a construção do futuro a que temos direito. Fomos, por isso, ouvir, os relatos de cinco mulheres, com diferentes funções nas Misericórdias e UMP, que mostram que a realização plena e conciliação da vida pessoal e profissional é possível e desejável.

Embora se registem sinais positivos sobre a participação dos homens na vida familiar, a generalização do teletrabalho acentuou nalguns casos as dificuldades existentes na conciliação entre trabalho e vida familiar. Muitas mulheres cumprem jornadas sem descanso de trabalho e assistência à família, assumindo diferentes papéis: trabalhadora, educadora, cozinheira e professora. E sentem a culpa pelo que não corre bem, numa simbiose imperfeita. Os testemunhos que ouvimos refletem o frágil equilíbrio na partilha de responsabilidades em casa e a sobrecarga sentida a vários níveis.

Catarina Pereira, 40 anos, diretora técnica da creche da Misericórdia de Chaves, tem dois filhos menores, com 2 e 10 anos, e revela as dificuldades na gestão do tempo. “São dois trabalhos que tenho, o apoio ao estudo, banhos e refeições, e a escola que adoro”.

De janeiro a março, estive em contraciclo devido à profissão que abraço com paixão. Enquanto os filhos estiveram em casa, devido ao encerramento de escolas, creches e jardins

de infância, Catarina acolheu os filhos dos trabalhadores essenciais na creche. Um período “gratificante”, mas “difícil” por “sentir que não lhes dedicava tanto tempo quanto gostaria”.

Apesar das mudanças face às gerações anteriores, considera que persistem desequilíbrios na partilha de responsabilidades em casa. “As mulheres ainda levam a casa às costas. Não acho que tenha apenas uma profissão, na creche sou educadora, amiga, médica, em casa sou mãe, educadora, cozinheira, mil e uma coisas, parece que é esperado que façamos tudo isto”.

A multiplicidade de papéis no dia-a-dia exige uma gestão metódica do tempo. Ao final do dia, o corpo acusa sinais de cansaço, mas reinventa-se para recomeçar tudo de novo.

Sónia Pereira, 42 anos, ajudante de lar e centro de dia da Misericórdia da Redinha, é “mãe 24 horas por dia”, para compensar a ausência do pai, chefe de armazém com horário alargado, mas não lamenta a opção tomada. O rumo profissional foi definido com base nestas prioridades para poder conciliar com os horários da escola. “Em casa, assumo mais responsabilidades na educação dos miúdos, mas escolhi ser mãe e tenho de cumprir esse papel”. Para este equilíbrio, contribuem pequenos momentos de ócio, de que não prescindem no final de cada dia de trabalho: “ler um livro, ter o meu espaço e sossego e dar uma corrida”. Nesses momentos, o marido assume as tarefas domésticas porque “a casa é dos dois”.

Em cargos de gestão intermédia ou superior, a conciliação exige um esforço acrescido. Para Catarina Cerqueira, diretora técnica da unidade de cuidados continuados Bento XVI (UMP) desde 2016, o “equilíbrio de papéis é fundamental”, mas não é igual em cada momento. “Num dia dou mais no trabalho porque estou num momento de crise e depois tiro uma semana e esqueço o trabalho. Não se pode fazer um plano, vive-se o dia a dia em função das necessidades da família e do trabalho para garantir que mantemos todas as bolas no ar. É possível, mas não é sempre fácil”.

PRIORIZAR A CARREIRA OU A VIDA PESSOAL E FAMILIAR, ASSUMIR CARGOS DE CHEFIA, TER OU NÃO TER FILHOS SÃO OPÇÕES VÁLIDAS PARA MULHERES E HOMENS

Homenagem e reflexão sobre papel da mulher

Para que este malabarismo funcione, é essencial termos do nosso lado as pessoas certas. Além da retaguarda familiar e da ajuda remunerada, quando o orçamento permite, defende que as equipas são elementos chave que garantem o sucesso desta fórmula. Recordando o surto vivido na unidade em janeiro deste ano, Catarina Cerqueira reconhece a importância da “família, que lhe permitiu sair de cena”, num momento de enorme fragilidade e incerteza, e de colegas de profissão que serviram de “pilares de apoio técnico no terreno”. “Eles faziam uma vida normal em casa e isso transmitia-me segurança. Sabia que só tinha de ir a casa dormir, comer e libertar a tensão para depois regressar recuperada”, reconhece com gratidão.

Alguns percursos de vida cruzam-se com os da instituição que servem. Teresa Alves, 49 anos, nasceu na maternidade da Misericórdia de Oeiras, frequentou um infantário da Santa Casa e construiu aqui a sua carreira profissional, com projetos de intervenção junto da população sem abrigo, definidos de raiz por si a partir de necessidades identificadas no concelho. Pelo caminho, cresceu como mulher e socióloga, sem nunca abdicar do tempo dedicado à família. “Aceito desafios e projetos que fazem sentido para mim, mas tenho de ter tempo para o resto, a minha família está em primeiro lugar”.

Num meio dominado pelo género feminino, nunca sentiu obstáculos por ser mulher. “Temos de trabalhar para ter o respeito dos outros. As mulheres nesta área são muito respeitadas. Temos de nos valorizar por aquilo que fazemos e celebrar as nossas conquistas todos os dias. No concelho de Oeiras, as instituições são quase todas coordenadas por mulheres”.

Priorizar a carreira ou a vida pessoal e familiar, assumir cargos de chefia, ter ou não ter filhos são opções válidas para mulheres e homens, desde que assumidas com liberdade e convicção, dizem as nossas interlocutoras. A escolha de Raquel Vale, 48 anos, inclui todas estas variáveis. Engenheira de formação, acumulou durante vários anos as funções de vereadora na autarquia de Esposende e consultora (gestão de qualidade) e, em janeiro de 2020, assumiu a provedoria da Misericórdia de Fão. “Sempre tive retaguarda, familiar ou remunerada, e o marido facilitou a conciliação, mas nunca descurei as obrigações de mãe. Depende de cada uma de nós, há mulheres que preferem não ter cargos de chefia, da mesma maneira que há homens que optam por fazê-lo, mas também acredito que cabe à mulher lutar pelos seus objetivos”.

Mais do que na igualdade de género, acredita que há um longo caminho a percorrer no que diz respeito à conciliação da vida pessoal e profissional nas empresas. “Ainda há muito a fazer e a pandemia pode ter aberto portas para isso, com o teletrabalho e desfasamento de horários”. Para Raquel Vale, faz sentido celebrar as conquistas e sacrifícios das mulheres para ter acesso ao voto, ao trabalho e a outras oportunidades, mas considera “reduzidas iniciativas que esvaziam o sentido da data como oferecer batons, flores ou idas ao cabeleireiro”.

Os progressos são feitos no dia-a-dia, mas as garantias não são absolutas, restando-nos manter alerta a retrocessos e reafirmar a igualdade no futuro a que temos direito. **VM**

Um pouco por todo o país, as Misericórdias assinalaram o Dia da Mulher com iniciativas diversas, onde se incluíram ofertas de prendas e lanches temáticos. A data serviu também para refletir sobre o papel das mulheres nas organizações, sendo mote para uma tertúlia na Misericórdia de Vila do Bispo, com o tema “Humanidade na Liderança”, com a presença de quatro mulheres com cargos de relevo na sociedade. A sessão decorreu por videoconferência e envolveu utentes e colaboradores.

Mulheres em todas as tarefas da Misericórdia

No Dia Internacional da Mulher, a Misericórdia de Ourique lembrou “a força das mulheres” que assumem funções na cozinha, lavandaria, secretaria, equipa de enfermagem, serviço de apoio domiciliário, lar, creche e jardim-de-infância. “Conduzem, planeiam, dão alimento, contam histórias, aprendem, ouvem, ensinam, dão conforto, atenção e alegria. Estão em todas as tarefas da Misericórdia. Cuidam, zelam, dão mimo e dedicam-se aos outros”, lê-se em comunicado.

Zelar pelo direito à nascença

Vila Real Centro de Apoio à Vida recebe jovens, gestantes ou com filhos, para apoiá-las em relação à maternidade

TEXTO **PATRÍCIA POSSE**

Basta ajudar a criar crianças num ambiente feliz para saber que já valeu a pena.” É assim que o provedor da Misericórdia de Vila Real, Joaquim Gomes, olha para o trabalho feito pelo Centro de Apoio à Vida (CAV) Florescer.

Em funcionamento desde 2015, esta valência tem como prioridade “a salvaguarda de uma vida e também da dignidade da mãe”. Até ao momento, apoiou 16 agregados familiares, 12 dos quais na modalidade de acolhimento. “Foi muito importante apoiar essas adolescentes, sendo que a mais nova ia fazer 13 anos, e prepará-las para ser mães. A nossa missão na sociedade é ir ao encontro dos mais necessitados e, neste caso, de adolescentes que não tinham retaguarda familiar e que, aqui, tiveram um acolhimento personalizado, com pessoas que as apoiavam, acompanhavam e ensinavam”, sublinha o provedor.

Além do atendimento e acompanhamento de gestantes ou puérperas com recém-nascidos, o CAV assegura o alojamento a utentes do sexo feminino até aos 21 anos (e respetivos filhos) que tenham graves carências a nível habitacional, problemas de integração social e/ou familiar ou, ainda, em situação de ausência de família estruturada ou sem retaguarda familiar. “Como são jovens com baixa autoestima e autoconceito, chegam com medos relacionados com o seu papel de jovem/mulher e futura mãe/mãe. Por isso, tem de se começar por vencer o medo do desconhecido, explicando o papel que o CAV pode ter nas suas vidas e na forma como gerem a relação parental. Paralelamente, tem de se trabalhar a sua autoestima de forma a conseguirem vencer medos relacionados com as suas experiências passadas e conseguirem projetar-se no futuro, juntamente com os seus filhos”, explica a diretora técnica, Tânia Pereira de Sousa.

Foi esse o caso de B., quando, aos 16 anos, descobriu que estava grávida. No primeiro contacto com as técnicas, sentiu-se “um bocadinho constrangida com a situação”. “Tive um bocado de receio, porque nunca pensei ter uma criança com aquela idade”, confidencia,

volvidos quatro anos. Natural de Vila Real, B. foi das primeiras gestantes a ser recebida no CAV, onde ainda permanece para ver se sai “com uma vida melhor”.

Com capacidade para 10 utentes, o CAV tem seis colaboradoras que ajudam a fomentar a responsabilidade parental. À medida que a barriga ia crescendo, B. aprendia a passar a ferro, a cozinhar e os cuidados parentais: “ensinaram-me como podia dar-lhe banho e até como é que devia distinguir o choro”. O nascimento da filha foi uma “mudança radical”, mas B. reconhece que “teve muita ajuda”.

A diretora técnica ressalva o “trabalho de cariz multidisciplinar” para assegurar condições básicas de sobrevivência (alimentação, higiene, repouso e conforto), cuidados de saúde e apoio psicológico e social. “Queremos contribuir para o desenvolvimento das capacidades e potencialidades das jovens e dos seus bebês, no sentido de favorecer a sua progressiva integração social e profissional, definindo ao mesmo tempo um projeto de vida.” O acompanhamento estende-se após a última etapa de autonomização, “apoian-do nas dificuldades que daí possam advir”. “Apesar do regulamento prever uma duração máxima de 18 meses, o acolhimento, na maioria dos casos, vai além desse período para permitir a continuidade dos estudos e consequente integração no mercado laboral”, refere.

Sempre que a família (progenitores da mãe e/ou o pai da criança) se revela como um suporte, é envolvida, “podendo acompanhar o processo de gravidez e todas as etapas seguintes”. “Na maioria das vezes, não existe este envolvimento familiar, ou porque as famílias de origem são desestruturadas ou residem em distritos geograficamente distantes, ou porque as gravidezes resultam de relações fortuitas”, esclarece Tânia Pereira de Sousa.

No caso de B., a ligação com a família “continua igual”, com mais restrições agora por causa do contexto pandémico, mas com o pai da sua filha o contacto é o estritamente necessário: “quando liga, a minha filha fala com ele”. “Sempre tive o apoio da minha família, mas não tinha tantas condições em casa como tenho aqui. Deram-me o reforço e continuei a estudar, o que foi bom”, frisa.

Metade das jovens acolhidas é oriunda do distrito e a outra metade provém de outras zonas do país, maioritariamente do concelho de Aveiro. “A média de idades, à data do acolhimento, é de 16 anos e são jovens que chegam em anos de escolaridade diversos e inferiores ao que seria expectável para a sua idade.”, acrescenta a diretora técnica. Até aos últimos dias de gestação, B. foi para a escola e depois do nascimento da filha, continuou. Agora, no 11.º ano, quer ingressar na universidade para tirar o curso de enfermagem. “Ter vindo para o CAV ajudou-me muito. Eu estava muito mal na escola e quando vim para aqui, tive a possibilidade de começar a ter as boas notas que poderia ter tido. Agora, tenho a perfeita noção de que estou melhor do que antes.”

Quando pensa no passado recente, B. sabe que, sem o suporte do CAV, a maternidade não teria sido vivida plenamente: “acho que teria ficado sem a minha filha ou pior, viria a perdê-la por incapacidade financeira”. **VM**

Esperança depois do horror

Estremoz Ao fim de 16 anos de violência doméstica, 'Maria' encontrou apoio na casa-abrigo da Misericórdia

TEXTO **JOANA MOUQUINHO PENDERLICO**

Em 2009, a Santa Casa da Misericórdia de Estremoz abriu uma casa-abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. No total, este espaço já acolheu 297 agregados. Entre eles, 'Maria' (nome fictício), que no final de 2020 decidiu pôr fim a 16 anos de violência doméstica e saiu da casa onde vivia com o agressor. Ao VM relata o seu percurso e o momento em que sentiu o "clique" para sair da situação de violência em que se encontrava.

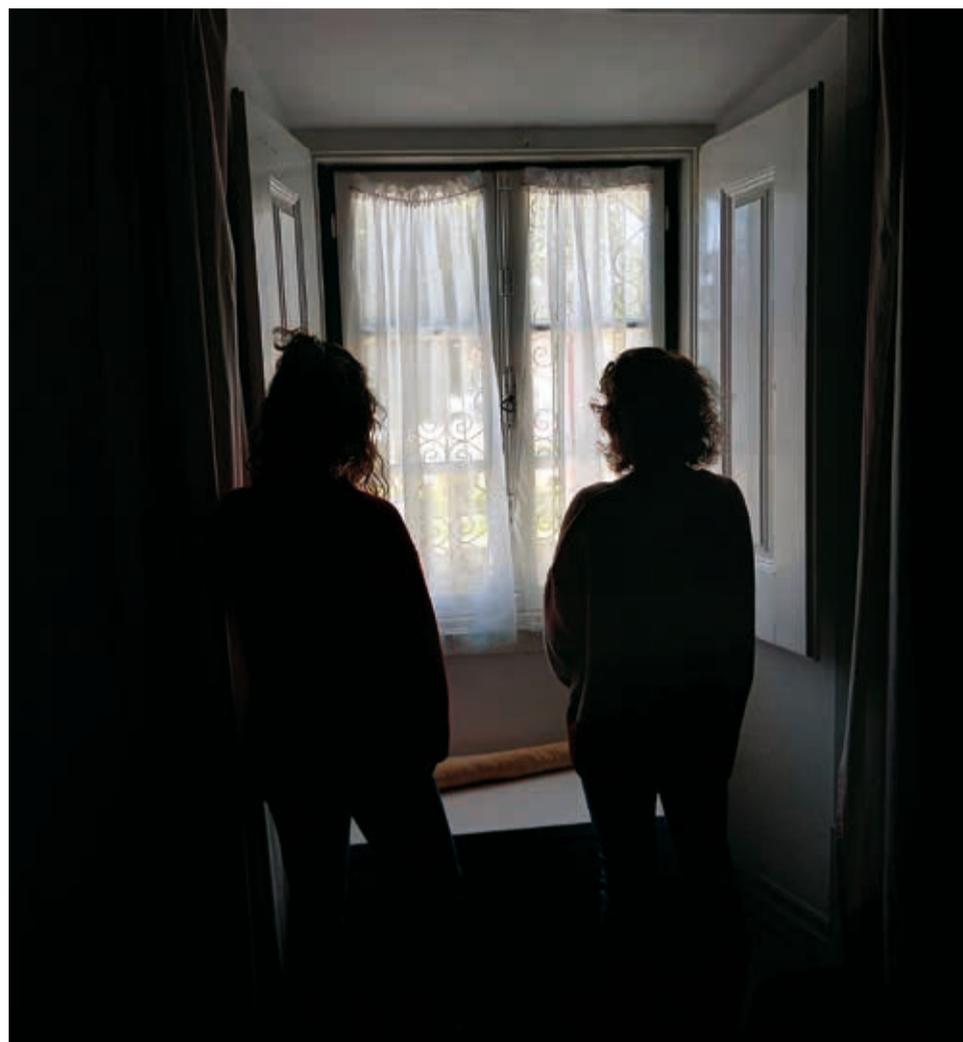
Ao fim de um mês de vida comum, o seu companheiro "começou com chapadas e depois começaram as agressões piores". Ao longo da relação, sofreu alguns abortos, devido às agressões que nunca pararam, e as gravidezes que conseguiu manter não chegaram a bom termo, tendo os bebés nascido prematuros e com alguns problemas de saúde. Conta que, pouco antes de um dos nascimentos, o agressor lhe bateu e lhe queimou um membro.

Sobre os atos violentos que sofreu ao longo dos anos, explica que tanto era violência física como psicológica. "[O agressor] dizia-me tudo, tentou matar-me, atirava-me facas. Houve uma altura que me pegou pelos pés, atirou-me ao chão e eu perdi os sentidos". Num certo momento da sua vida, decidiu não ter mais os filhos a viver na sua casa, deixando-os com pessoas de confiança, pois, como refere: "para passar fome já bastava eu".

'Maria' vivia como uma prisioneira na sua própria casa. O agressor não a deixava sair a não ser com a sua autorização. "Só podia sair com ele, não me deixava falar com ninguém. Se eu fugisse, ele ia atrás de mim, para onde eu fosse ele ia, era obsessivo", afirma.

Foram várias as queixas, mas sem continuidade porque o agressor ameaçava-a de morte. "Ele matava-me mesmo", confessa. Aos filhos nunca houve qualquer agressão, pois 'Maria' nunca deixou.

Relata que de início desconhecia o problema de drogas do agressor e que quando soube ficou com medo. 'Maria' refere que após consumir era quando ficava mais agressivo: "parecia um bicho, era quando me batia mais".



"Eu suportei tudo porque não tinha para onde ir, para onde fosse ele ia atrás de mim, eu tinha mesmo muito medo dele". 'Maria' passou fome, pois tinha horários específicos para comer e se fosse apanhada a comer fora de horas sofria agressões. A Polícia de Segurança Pública (PSP) sabia o que acontecia e incentivava 'Maria' a pedir ajuda, mas o medo falava sempre mais alto. No entanto, foi aguentado, "até que no ano passado contei 35 vezes que ele me bateu, fora as que eu não contei, e cheguei a um ponto em que me meti no álcool, tentei matar-me". Então, um dia "logo de manhã decidi que ia meter um ponto final, fui à PSP e levaram-me ao hospital e não saí de lá enquanto não veio a assistência para me levar". Inicialmente não tinha contacto com a família, só há pouco tempo o voltou a ter. Através do seu advogado vai sabendo do agressor e aguarda por medidas de coação.

Na casa-abrigo diz que brinca muito, "coisa que não fazia antes". Conta, sorridente, que começa os dias com música e que põe toda a gente a dançar, que já tem amigas e que se dá bem com toda a gente. Irá tirar um curso, estando indecisa entre duas áreas em que se sente realizada. Questionada se se sente feliz, responde: "Sim, coisa que não sentia há muito tempo. É uma nova vida. Sinto-me segura. Se me perguntassem se era capaz de o enfrentar cara a cara, agora era. Já perdi o medo".

Sobre a casa-abrigo, a diretora técnica explica que a este espaço chegam mulheres de todos os pontos do país e que em 2020 a situação mais recorrente era a de mulheres na casa dos 40 anos, com crianças.

No ano passado, devido à Covid-19, houve um mês de verão em que dispararam os pe-

didados, mais concretamente 24, algo que não é comum. A diretora explica que normalmente são feitos entre sete a dez pedidos por mês. Na sua perceção, "quando começámos a desconfinar poderá ter havido um maior número de pessoas a fazer pedidos". Acrescenta que no ano passado "as pessoas tiveram mais dificuldades de acesso e provavelmente estiveram mais controladas pelo agressor".

Sobre o percurso das vítimas, esclarece que estas chegam ao espaço encaminhadas por outros serviços. Podem ficar seis meses, prorrogáveis até um ano. Porém, "este ano temos pessoas que já estão aqui a fazer um ano por causa da questão do confinamento". Quando chega o momento de sair da casa-abrigo, por norma, já não vão para outras instituições. Ou são acolhidas por pessoas próximas ou recomencem as suas vidas noutros locais.

Quanto ao dia a dia na casa-abrigo, a diretora técnica conta ser "o habitual de uma casa, das nossas casas".

Sobre o estado psicológico das vítimas, relata que "chegam com muitos danos a nível emocional, muito ansiosas, com medo, muito tensas, com dificuldades no sono, alguma agitação psicomotora e alguma irritabilidade". Mas existe uma equipa técnica no local - composta por assistente social, jurista e psicólogo - que faz o acompanhamento e, se for o caso, o encaminhamento para a saúde.

Para todas as pessoas vítimas de violência doméstica 'Maria' deixa uma mensagem de força e coragem: "Não se vão abaixo e lutem. Sejam guerreiras. Não perdoem. Quanto mais deixarem avançar, pior é. Não desistam da vossa vida". **VM**

29,5

Portugal é quinto país da União Europeia com maior impacto da pandemia no mercado de trabalho, afetando de forma desproporcional as mulheres, segundo um estudo do Instituto Europeu da Igualdade de Género, divulgado em março. Muitas pessoas viram a sua jornada de trabalho reduzida, com uma descida de 29,5 horas nas mulheres e 18,8 nos homens, sendo que as mulheres estão a ter mais dificuldade em regressar ao trabalho, com um aumento de emprego de 0,8% face a 1,4% dos homens.

73%

Portugal é um dos países europeus com mais elevada taxa de participação feminina (73%) no mercado de trabalho, situando-se acima da média europeia (68%) e próxima da taxa de atividade dos homens (78%). Simultaneamente, as mulheres representam cerca de 50% do emprego em Portugal, enquanto a nível europeu a taxa de emprego feminino está nos 46%. As mulheres totalizam ainda mais de metade dos profissionais assalariados a trabalhar por turnos em Portugal (dados INE, 2019).



SUPER Dias Mercedes-Benz Vans Usadas.

No mês de Abril, a Carclasse preparou uma seleção de veículos comerciais ligeiros usados, especialmente para si.

Conheça online todo o stock disponível em usados.carclasse.pt, e aproveite ainda as seguintes condições:



Garantia de
2 anos pela
Marca*



Oferta de uma
Manutenção
Programada**



Oferta de
um depósito
cheio**

Contact Center
808 200 808



*Imagens não contratuais. Campanha válida até 30 de Abril de 2021 e/ou limitada ao stock existente.
**Condições válidas para todas as viaturas elegíveis na campanha. ** Ofertas válidas para financiamento com juros, com financeiras protocoladas com a Carclasse para esta campanha. Não inclui peças de desgaste.

Carclasse



ESTANTE

Receitas para cérebro saudável



Mente Ativa, Corpo Feliz - 52 semanas de desafios para estimular o seu cérebro

Ana Gonzaga, Humbertina Maia, Margarida Sobral e Teresa Santos
Pactor, Março 2021

A editora Pactor lançou em março o livro “Mente ativa, corpo feliz”. Elaborada por psicólogas e terapeutas ocupacionais do Hospital Magalhães Lemos, no Porto, a edição visa ajudar pessoas em idade avançada e/ou com problemas de memória a manterem-se saudáveis e felizes. Sente-se cansado e com problemas de memória? Quer manter o seu cérebro ativo e tem dificuldade em concentrar-se numa tarefa? Se a resposta é sim, este livro pode ser útil. Segundo nota da editora, as soluções para se conseguir um desempenho mental saudável não são muito complicadas. Na verdade, “a receita é simples” e passa por “incluir na rotina diária das pessoas algumas atividades que as irão

estimular cognitivamente, chamar a atenção para os pequenos prazeres da vida, desafiar para novas experiências, promover a gratidão pelas conquistas da vida e incentivar a apreciar momentos de felicidade”. Destinado a manter o cérebro saudável e ativo e desenvolvido por quatro mulheres (Ana Gonzaga, Humbertina Maia, Margarida Sobral e Teresa Santos), o livro está organizado por semana, com sessões temáticas de janeiro a dezembro, que podem ser iniciadas em qualquer altura do ano. Cada sessão, referem as autoras na nota introdutória, contém um conjunto de exercícios cujo objetivo é estimular uma de várias funções cerebrais. “No

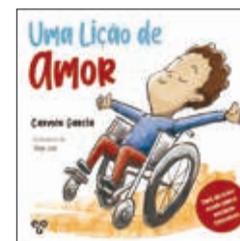
final de cada sessão é feita uma sugestão, destinada a tornar o seu dia diferente dos demais” e, além disso, “alguns exercícios têm soluções que poderá consultar no final do livro”. As 52 sessões que compõem o livro “Mente ativa, corpo feliz” podem ser realizadas a sós ou com a colaboração de familiares e amigos e não exigem grandes recursos. Para o efeito, as quatro autoras aconselham “que tenha à mão: lápis e borracha, lápis de cor, calçado confortável, chapéu, alguns trocos no bolso e, sobretudo... boa disposição”. Este livro da Pactor, uma das marcas editoriais do Grupo Lidel, foi lançado no passado dia 15 de março e já está disponível nas livrarias (lojas físicas ou online).



O milagre do cortejo de oferendas – quem dá aos pobres empresta a Deus!

Texto: Luís Areses
Ilustração: Sandra Nascimento
Misericórdia de Ponte da Barca, Dezembro de 2020

Este livro infantil nasceu com o objetivo de fazer perdurar no tempo as memórias e marcas simbólicas da Misericórdia de Ponte da Barca e conta a história de um menino que participa pela primeira vez num cortejo de oferendas.



Uma Lição de Amor

Texto: Carmen Garcia
Ilustração: Tiago Leal
Ego Editora, Novembro de 2020

No dia em que chega à sua nova escola, o Jaime fica um bocadinho triste por não ver mais ninguém em cadeira de rodas. Mas a Leonor, que rima com amor, vai mostrar-lhe que todos os meninos são diferentes à sua maneira. Na companhia da sua nova amiga, Jaime vai perceber que, naquilo que mais importa, as diferenças não existem.

 **cantabria labs**
DIETICARE NM

A saúde é a
nossa razão
de ser

Alimentos para fins
medicinais específicos

Suplementos
alimentares

Dispositivos
médicos



**Dietas
Personalizadas**



**Especialistas
na Disfagia**

**Produtos únicos
no tratamento
de feridas**

**PRODUTOS
INOVADORES E
DIFERENCIADOS**

Consulte o nosso portfólio
www.dieticare.pt

Dieticare
R. António Nicolau D'Almeida,
45-2.6 -4100-320 Porto
+351 220 999 612 | +351 220 999 935
geral@dieticare.pt

 @dieticare  dieticare

HISTÓRIAS COM ROSTO

‘A música é a minha vida’



MÁRIO PINA CABRAL

Rostos Antes de se instalar nas residências assistidas da Misericórdia de Vila Nova de Gaia, Alice Jorge atravessou o Atlântico para estudar piano no Porto, conheceu vários países e continentes do mundo e deslumbrou-se com a vida cultural do seu tempo. A música acompanha-a desde que nasceu e não mais a abandonou, mesmo agora que os olhos atraíam a leitura das partituras. Alice Jorge nasceu em Manaus, no Brasil, em 1927, no seio de uma família afortunada, que valorizou desde cedo a educação das duas filhas. Em pequenas frequentaram os melhores colégios da cidade, sem nunca descurar a formação musical no Conservatório de Manaus, onde estudaram piano (Alice) e violino (irmã).

Em casa, as reuniões familiares eram frequentes e muito participadas, pontuadas amiúde por momentos musicais. O pai

tocava flauta transversal nos tempos livres e o avô materno dominava a tuba tenor (ou bombardino). “Fui criada naquele ambiente musical”, recorda. Beneficiando da biodiversidade local, a casa de piso térreo era cercada por um jardim luxuriante, povoado de aves exóticas. Desses tempos guarda memórias felizes, ligadas sobretudo às festividades do Natal, Páscoa e aniversários, onde a casa fervilhava com dezenas de pessoas, “enfeites a condizer com a data” e iguarias do país de origem. O festim era coroado de canções acompanhadas ao piano, pela primogénita da família, sempre sob o olhar atento do avô bombardino, que se sentava invariavelmente junto ao piano.

A morte precoce da mãe, em 1944, abalou a harmonia familiar, mas não esmoreceu o “ambiente saudável e caseiro” que se vivia dentro de portas. Uns

PERFIL

Alice Jorge tem 94 anos e vive nas Residências Seniores Conde das Devezas, da Misericórdia de Gaia

anos mais tarde, as irmãs preparavam a ida para Portugal para prosseguir estudos no Conservatório de Música do Porto. “O meu pai tencionava liquidar

os negócios em Manaus e terminar os seus dias em Portugal e mandou as filhas para um lar de freiras, na rua do Breiner”. O regresso definitivo aconteceria em 1957.

Chegada ao Porto, Alice Jorge não mais quis abandonar a cidade que a acolheu como compatriota, sempre acompanhada pelo piano alemão, mandado comprar pelo pai, em 1952. Aqui se formou, casou e construiu o seu percurso profissional e afetivo, disseminando durante mais de 40 anos a paixão e a técnica musical por inúmeras gerações. “Dei aulas em colégios particulares e públicos, onde trabalhei até aos 70 anos”. Aos 32, casou na Igreja de São Martinho de Cedofeita com a figura garbosa que lhe sorri no retrato de casamento e instalou-se no primeiro prédio de andares da rua Júlio Dinis, no Porto. Conheceu o futuro marido num grupo de tertúlia que se reunia em cafés

da cidade. “Também ele um grande entusiasta da música e de espetáculos, sobretudo óperas”, detalha a nonagenária. Recorda, entre risos, a semana de férias passada em Vigo com o propósito de assistir a um festival de ópera. Após uns dias, Alice desabafa “Ó Jorge, isto é ópera a mais”. Mas “ele nunca se cansava, era a paixão dele”. E todos os pretextos eram bons para viajarem juntos.

O espírito curioso e aventureiro determinou que, mesmo após enviuvar, a portuense nascida em Manaus continuasse a desbravar fronteiras por este mundo fora. Chile, Argentina, Holanda, Bélgica, Dinamarca foram alguns dos destinos que integraram o roteiro de Alice e um grupo de amigas.

Mais recentemente, instalou-se na margem oposta do rio, em Gaia, com o piano que a acompanhou toda a vida. Fez das residências Conde das Devezas a sua morada permanente, em 2010, e hoje vive autónoma num apartamento T1, rodeada dos objetos e memórias de uma vida plena. “Gosto muito de viver aqui, foi o único lar para onde podia trazer as minhas coisas, inclusivamente o meu piano, que decidi doar à Misericórdia”.

O piano ocupa uma posição cimeira no espaço contíguo à sala de jantar e cativa todos os habitantes em dias de festa. “Não há aniversário em que eu não toque, tenho tudo na cabeça, peças inteiras”, conta orgulhosa. Em segundos transforma-se, relatam testemunhas próximas. E a sala enche-se de luz e harmonia. “A música é a minha vida, não podia viver sem ela”.

TEXTO ANA CARGALEIRO
DE FREITAS

Família ligada pelo oceano

Os avós maternos de Alice Jorge emigraram para o Amazonas, no Brasil, em 1888. Anos mais tarde, os pais, nascidos nas imediações de Viseu e Arganil, casaram e constituíram família em Manaus, de onde saíram definitivamente em 1957. Muitos antecedentes acabaram sepultados na capital do Amazonas e hoje parte da família ainda reside do outro lado do Atlântico.

Viver com autonomia e segurança

Alice Jorge vive nas Residências Seniores Conde das Devezas desde 2010. Constituídas por 50 apartamentos independentes e zonas comuns, as residências da Misericórdia de Vila Nova de Gaia conjugam o conforto e privacidade de uma habitação particular com a comodidade de um hotel, garantindo a prestação de cuidados pessoais e de saúde aos residentes.

Manter uma UCC aberta é ‘exercício de coragem’

Num simpósio da Santa Casa de Lisboa, presidente da UMP alertou para os problemas de subfinanciamento da RNCCI

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

UMP O presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) alertou para o subfinanciamento da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados ao longo dos anos. Para Manuel de Lemos, em causa está o facto de a Rede ser considerada um “subproduto” em que “não vale verdadeiramente a pena apostar”. A afirmação foi feita durante a 10ª sessão do Simpósio Interações, promovido pela Santa Casa de Lisboa, sob o tema “Continuidade dos cuidados: entre a saúde e o social”. A sessão decorreu online no dia 24 de março.

Para Manuel de Lemos, a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI) tem um problema de duplo subfinanciamento: no investimento e no funcionamento. Por isso, considera um “exercício fantástico de coragem, dedicação e responsabilidade” as Misericórdias manterem as suas unidades abertas, apesar do “desfinanciamento total”.

Conforme explicou, à data do arranque da Rede, há cerca de dez anos, o valor de participação por metro quadrado das unidades era 650 euros. A unidade mais barata construída pelas Misericórdias, que atualmente são responsáveis por cerca de 52% das unidades de cuidados continuados (UCC), custou cerca de 900 euros por metro quadrado.

Passado este tempo e a propósito do Plano de Recuperação e Resiliência, que contempla, entre outras iniciativas, o aumento da RNCCI, o presidente da UMP afirmou que o valor estimado para a construção de novas unidades é de 680 euros por metro quadrado. “Isto é matar o financiamento à cabeça”. Num quadro de grave carência económica como o atual, poucas serão as instituições com capacidade para endividamento, alertou Manuel de Lemos.

Acresce que o funcionamento da RNCCI também está desajustado ao nível das participações. Tomando como base os resultados das UCC das Misericórdias, Manuel de Lemos

referiu que em unidades de média duração o valor diário está 6,6 euros acima do participado, situação que se agrava em unidades de longa duração, onde o equivalente diário está quase 24 euros acima do valor financeiro assumido pelo Estado.

Para Manuel de Lemos, esta desadequação acontece porque “o Estado e o Ministério da Saúde olharam, grande parte do tempo, para a noção de que a Rede é um subproduto do serviço público de saúde e, por isso, não valia verdadeiramente a pena apostar nele”.

Considerando que o setor social e solidário é um parceiro fundamental para o Estado porque se move “fora do direito mercantil, no plano das políticas públicas sociais” e que a pandemia deixou “extremamente evidente” a desarticulação entre Segurança Social e Saúde, o presidente da UMP terminou a sua intervenção com um conjunto de recomendações.

Em primeiro lugar, a “necessidade absoluta de uma plataforma política com ministros e parceiros da cooperação” que possa emitir recomendações e definir novos caminhos a percorrer. Depois, a urgência de constituir a articulação entre parceiros públicos e sociais como “um desígnio político”, contribuindo desta forma para uma mudança de “cultura e postura” na cooperação. Por fim, a criação de gabinetes técnicos, “onde estejam técnicos e também as pessoas que estão no terreno”, que analisem “de forma séria” as questões relacionadas com procedimentos, referências, participações etc. “Isso sim é o diálogo de que fala a União Europeia”, concluiu.

A 10ª sessão do Simpósio Interações tinha como objetivo colocar o tema da continuidade dos cuidados numa perspetiva de resposta às novas exigências do paradigma do envelhecimento na comunidade, convocando o testemunho e experiência de organizações da economia social e solidária. Além de Manuel de Lemos, o encontro contou com as participações de Lino Maia, presidente da CNIS, Alfonso Montero, da European Social Network, Hugo Lopes, Universidade Nova de Lisboa e Rita Valadas, presidente da Cáritas Portuguesa. A moderação ficou a cargo de Sérgio Cintra e as conclusões com o provedor da Santa Casa de Lisboa, Edmundo Martinho. 🗣️

Entrevista Dívida global aos ‘heróis’ dos lares

O presidente da UMP defendeu, em entrevista ao jornal Público, publicada a 28 de março, que a sociedade está em dívida para com os funcionários dos lares. Esta “dívida global” foi evidenciada pelo vírus e prende-se com a necessidade de reconhecimento do “trabalho heróico” dos colaboradores, provedores e voluntários que “ajudaram à sobrevivência dos idosos”. “Os nossos trabalhadores podiam ter descido as escadas, tiravam a bata e iam pela rua fora, como qualquer outra pessoa. Mas não, ficaram lá dentro”, afirmou Manuel de Lemos.



Albufeira Partilha de memórias no Dia do Pai

No Dia do Pai, os utentes da estrutura residencial “O Roseiral”, da Misericórdia de Albufeira, foram surpreendidos com um concerto de acordeão, dinamizado pelo Gabinete de Responsabilidade Social da Servilusa. Em nota informativa, a Santa Casa agradeceu o empenho da empresa e gesto solidário do acordeonista Marco António, valorizando os momentos de “alegria e muita animação” proporcionados aos utentes. Para assinalar esta data, os idosos foram ainda convidados a partilhar as suas memórias sobre os progenitores.

Palácio do Raio em roteiro eleito

Património Braga foi recentemente eleita o melhor destino europeu do ano. Na segunda fase de uma competição que envolvia vinte outras cidades, a capital do Minho deixou-as todas para trás, entre elas, Roma, a segunda colocada. À Roma Portuguesa não faltam atrações naturais e paisagísticas, de lazer e um imenso património cultural. Entre o roteiro sugerido pelo autarca da cidade, Ricardo Rio, encontra-se o Palácio do Raio, que alberga desde finais de 2015 o Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga.

Integrado no conjunto de monumentos incontornáveis ao visitante no centro da cidade, o edifício de quase três séculos é um dos ex-libris do património barroco de Braga, atribuído ao arquiteto André Soares. Já fez parte do antigo Hospital de São Marcos e acolhe hoje um espaço dedicado às memórias da Misericórdia de Braga. A exposição inclui um rico e variado espólio que testemunha mais de 500 anos de história da instituição.

Ainda antes de Braga arrebatou este galardão, o Palácio do Raio já tinha sido notado. O jornal francês “Le Figaro” já o havia incluído num roteiro de pontos indispensáveis de serem visitados na cidade, além de ter sido alvo de reportagem de uma TV brasileira. O número de visitantes ultrapassou os 85 mil nos últimos 5 anos, apesar de se ter registado uma quebra de 75% com o advento da pandemia, em 2020.

Manuela Machado, uma das responsáveis do Palácio do Raio, confirma que o foco da divulgação teve de mudar. Recentrou-se no mundo digital, buscando o apoio principalmente das redes sociais, mas também dos roteiros turísticos e académicos. Estes últimos têm se consolidado com a realização de colóquios como os da Diáspora Sefardita, este ano, em formato digital, em colaboração com a Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”, da Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa e com a Universidade do Minho.

Com a expectativa do fim do confinamento em abril, a reabertura conta já com uma exposição temporária do artista Carneiro Rodrigues. 🗣️

TEXTO **ALEXANDRE ROCHA**

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Sandra Sobreiro

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO/EDITOR E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151
Lisboa

FUNDADOR:
Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

COLABORADORES:
Alexandre Rocha
Ana Cargaleiro de Freitas
Carlos Pinto
Isabel Marques Nogueira
Joana Mouquinho Penderlico
Patrícia Posse
Paulo Sérgio Gonçalves
Sara Pires Alves
Vera Campos
Vitalino José Santos

ASSINANTES:
jornal@ump.pt
TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
8.000 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

IMPRESSÃO:
Diário do Minho
Rua de S. Brás, 1 – Gualtar
4710-073 Braga
TEL.: 253 303 170

VER ESTATUTO EDITORIAL:
www.ump.pt/Home/comunicacao/
estatuto-editorial/